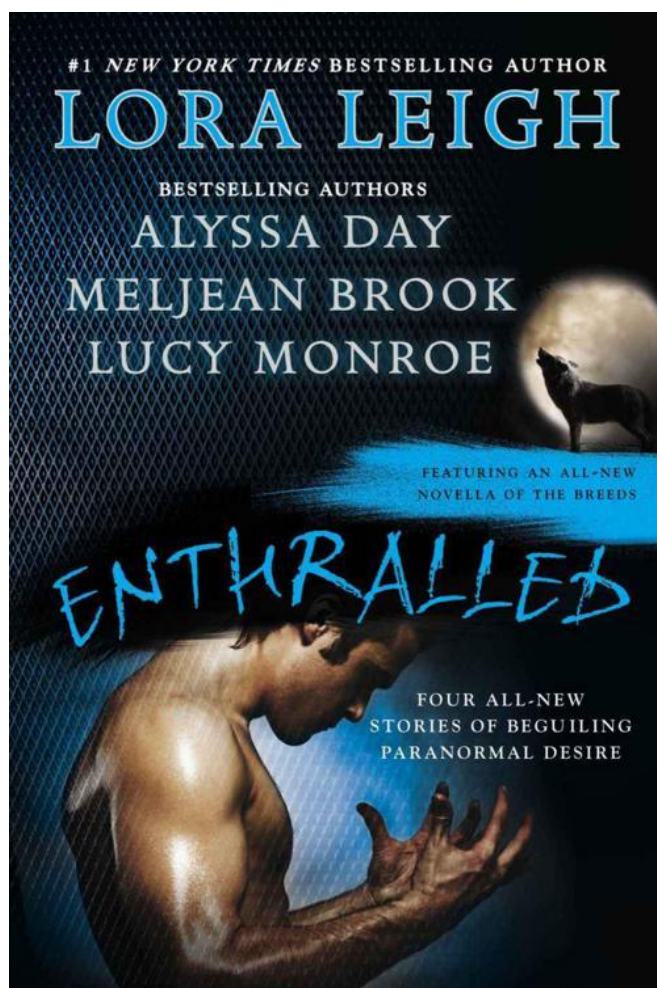


Êxtase Sob A Lua

Lucy Monroe

Filhos da Lua 3.5

"Ecstasy Under The Moon"



Projeto Revisoras
Traduções





Eles têm o poder de mantê-lo enfeitado, cativar seus sentidos e mantê-lo para sempre em seu controle. Para sempre encantado...

Lucy Monroe desencadeia as paixões selvagens de um lobisomem sobre o corpo, mente e alma de sua presa, sua amante, sua companheira.

Nota da Autora

Caro leitor,

Essa história da série Filhos da Lua ocorre nos anos entre Lua Ardente e A Lua do Dragão. É um romance independente, mas talvez ele te dê uma visão sobre como é difícil para o Éan fazer a transição para os clãs como você leu em A Lua do Dragão. Una e Bryant são muito queridos em meu coração e foi emocionante escrever sua história. Divirta-se!

Abraços,
Lucy

PRÓLOGO

O INÍCIO

Milênios atrás Deus criou uma raça de pessoas tão ferozes que até suas mulheres eram temidas em batalha. Estas pessoas eram guerreiras em todos os sentidos, recusando-se a se submeter às regras de qualquer um que não fosse dos seus... sem importar o tamanho das tropas enviadas para subjugarlos. Seus inimigos diziam que eles lutavam como animais. Seus inimigos vencidos nada diziam, pois estavam mortos.

Eles eram considerados primitivos e selvagens porque marcavam sua pele com tatuagens de tinta azul. Os desenhos eram simples a princípio, uma única besta pintada rusticamente acima de seus corações. Os líderes eram marcados com faixas ao redor de seus braços com símbolos que falavam sobre sua força e ousadia em batalha. Os companheiros eram marcados para mostrar seu vínculo.

E ainda assim, seus inimigos nunca foram capazes de descobrir os significados de quaisquer tatuagens de tinta azul.

Alguns imaginavam que eram símbolos de sua natureza bélica, e nisto estavam parcialmente corretos. Pois as bestas representavam uma parte deles mesmos e estas pessoas ferozes e independentes mantinham o segredo frente à dor da morte. Era um segredo que eles mantiveram através dos séculos de sua existência, enquanto a maioria migrou através da paisagem europeia para estabelecer-se no inóspito norte da Escócia.

Seus inimigos romanos os chamavam de Pictos, um nome aceito por outras pessoas de sua terra e das terras do sul... eles se autodenominavam Chrechte.

Sua afinidade animal para luta e conquista vinha de uma parte de sua natureza que sua contraparte totalmente humana não apreciava. Pois estas pessoas ferozes mudavam suas formas.

As tatuagens azuis em sua pele eram marcas concedidas como um rito de passagem quando faziam sua primeira transformação. Alguns homens controlavam sua mudança. Alguns não, e ficavam sujeitos ao poder da lua cheia até participarem do ato sagrado do sexo. As fêmeas de todas as raças experimentavam sua primeira transformação em sua forma animal e obtinham o controle desta mudança logo depois de seu primeiro ciclo menstrual.

Alguns se transformavam em lobos, outros em grandes felinos predadores e ainda outros em pássaros maiores — águia, falcão e corvo.

A única coisa que todo Chrechte tinha em comum era que não se reproduziam de forma tão rápida ou prolífera quanto seus irmãos e irmãs totalmente humanos. Embora eles fossem uma raça muito temida e sua esperteza fosse reforçada por uma compreensão da natureza que a maioria dos humanos não possuíam, eles não eram imprudentes e não eram governados por sua natureza animal.

Um guerreiro podia matar cem de seus inimigos, mas ele ou ela poderia morrer antes de ter descendência, a morte levaria a um inevitável encolhimento da raça. Alguns clãs de Pictos e aqueles reconhecidos por nomes diferentes em outras partes do mundo já estavam extintos ao invés de submeterem-se aos humanos inferiores, porém numerosos, ao redor deles.

Os Faols das Terras Altas escocesas eram muito espertos para enfrentar o fim de sua raça ao invés de se misturarem. Estes lobos metamorfos viram o caminho para o futuro. No nono

século DC, Keneth MacAlpin chegou ao trono escocês. Possuía a descendência Chrechte Faol por sua mãe, porém, sua natureza humana foi a dominante.

Ele não era capaz de se transformar, mas isso não o impediu de reivindicar também o trono dos Pictos (como eram chamados então). A fim de garantir sua monarquia, ele traiu seus irmãos Chrechtes em um jantar, matando toda a família real restante, e fortificou para sempre a desconfiança dos Chrechtes para com os humanos.

Apesar desta desconfiança e amargamente cientes do custo da traição de MacAlpin, os Chrechtes Faol perceberam que poderiam se extinguir lutando contra a sempre crescente e invasora raça humana, ou eles poderiam se juntar aos clãs celtas.

Eles se juntaram.

Até onde o resto do mundo sabia, apesar de haverem muitos que pudessem atestar sua antiga existência, os que eram considerados Pictos não existiam mais.

Como não estava em sua natureza ser governado por qualquer um que não fosse de seu próprio povo, dentro duas gerações, os clãs Celtas que assimilaram os Chrechte eram governados por chefes de clã metamorfos que compartilhavam suas naturezas com lobos. Entretanto a maior parte dos humanos entre eles não sabiam disto, a poucos era confiado os segredos de seus parentes. Aqueles que tinham o conhecimento sabiam que trair o código de silêncio significava morte certa e imediata.

Histórias de outras raças metamorfos, Éan e Paindeal, eram contadas em torno das fogueiras, ou para as crianças na cama ao dormir. Porém, como os lobos não viram um metamorfo que não fosse dos seus próprios em gerações, eles começaram a acreditar que as outras raças fossem só um mito.

Mas mitos não voavam no céu com suas asas negras refletindo um iridescente azul sob o sol. Mitos não viviam como fantasmas na floresta, respirando ar da mesma maneira que qualquer outro homem ou animal. Os Éan não eram nenhum mito. Eles eram pássaros com habilidades além daquela de meramente mudar sua forma.

Muitos podiam ser perdoados por acreditar que os contos de seu príncipe não passavam de lenda. Pois quem ouviu falar de um homem que não trocava sua forma apenas para o corvo, mas também para o dragão dos contos místicos antigos?

CAPÍTULO UM

Florestas dos Éan, Highlands da Escócia.

1144 DC, Reinado de Dabíd Mac Maíl Choluim, Rei da Escócia, e Reinado do Príncipe Eirik Taran Gra Gealach, Regente dos Éan.

Una estava em choque, terror passando por ela como fogo em suas veias, mandando a razão para longe, destruindo a fachada de paz que ela trabalhou tão duro para manter nos últimos cinco anos.

Sua águia gritava para ser liberada. Ela quis chegar aos céus e voar até onde suas asas pudessem levá-la, até que o sol afundasse sobre as águas e a lua aparecesse e se fixasse novamente no céu.

A alta sacerdotisa, Anya Gra, sorriu para os Éan ali reunidos como se não houvesse acabado de fazer um pronunciamento que poderia significar sua ruína.

Os Faol estavam vindo aqui? Para a floresta do Éan? Para sua pátria mantida em segredo por gerações. Por uma razão muito boa.

Razão que Una aprendeu a respeitar até a medula dos ossos cinco anos antes.

— Não. Ela sussurrou no ar carregado com a fumaça do banquete. — Isto não pode ser.

Outros barulhos de discordância soaram ao redor ela, mas sua mente não conseguia absorvê-los. Estava muito ocupada revendo as imagens que tentou enterrar por anos de comportamento adequado e obediente. Anos de não se arriscar e manter-se longe dos clãs humanos que uma vez a intrigaram tanto.

Ela até evitou Lais, um dos poucos metamorfos águia entre os seus. Porque ele veio de fora. Do clã Donegal, o clã que desovou diabos que se autointitulavam homens.

Ela não falou com ele nenhuma vez nos três anos que ele viveu entre seu povo.

Os murmúrios ao redor de Una aumentaram tanto, que nem seus pensamentos atormentados poderiam mantê-la a parte.

Pela primeira vez que em sua memória, os Éan de sua tribo olharam para sua alta sacerdotisa com desagrado. Muitos encararam abertamente a mulher cujo rosto até poderia estar marcado pela idade, mas mantinha uma beleza translúcida que proclamava sua herança real como princesa e como líder espiritual.

Outros gritavam seu desgosto para o príncipe de seu povo, mas o monarca não deixou nenhuma emoção se mostrar em suas características bonitas apesar de jovens. Ele meramente assistiu, sua expressão estoica, os pensamentos escondidos atrás de seu olhar âmbar.

A divergência ficou mais aquecida. Isto era desconhecido. Em qualquer outra circunstância, Una teria se sentido intimidada pelo comportamento de seus companheiros Chrechtes, mas não este dia.

Ela esperava, mesmo sem esperança, que a raiva e discordância balançariam seus líderes em direção à razão.

—Chega! — o grito súbito do príncipe foi alto e dominante, apesar do fato que ele era apenas alguns verões mais velho que Una.

O silêncio caiu como uma bigorna.

A emoção se mostrou agora, seus olhos âmbar ardendo como a pedra sagrada durante

uma cerimônia.

—Nós tivemos os Faol entre nós em muitas ocasiões nestes últimos três anos.

Aqueles lobos só vieram para visitar. Una, e muitos como ela, justificavelmente assustada pela raça que fez tanto para erradicar seu povo, afastou-se dos visitantes. Ela evitou todo contato e nem mesmo deu uma olhada em algum deles.

Diferente de quando ela era mais jovem e deixava sua curiosidade decidir sobre seu bom senso.

Mas Anya Gra disse que estes, emissários dos clãs Sinclair, Balmoral e Donegal, viveriam entre os Éan pelo futuro próximo.

Viver. Entre. Eles. Sem previsão de irem embora.

A respiração de Una ficou curta quando o pânico a arranhou por dentro, afiado como as garras de sua águia.

—É hora dos irmãos Chreches se reunirem. O tom do príncipe Eirik não admitia nenhum argumento. —Foi predito que esta é a única chance de nosso povo sobreviver como uma raça. Vocês agora duvidam das visões de sua alta sacerdotisa?

Muitos agitaram a cabeça, mas não Una. Porque pela primeira vez em sua vida, ela duvidou da sabedoria da mulher que guiou seu povo espiritualmente desde antes de Una nascer.

—Os emissários estão vindo para viver entre nós, aprender nossos costumes e nos ensinar os dos Faol. Desta vez foi outra pessoa da família real quem falou, o curandeiro chefe. —Todos nós nos beneficiaremos.

—Nós conhecemos os costumes dos Faol. Uma alma valente gritou. —Eles matam, mutilam e destroem os Éan. Este é o modo deles.

—Não estes lobos. Os lairds Balmoral, Sinclair e Donegal estão comprometidos em manter nosso povo seguro como eu estou. O tom do príncipe era de sinceridade.

O homem acreditava em suas próprias palavras. Isso era claro.

Mas Una não conseguia fazer isso. Nenhum lobo jamais gostaria dos Éan como um verdadeiro irmão. Não estava em suas naturezas violentas, frequentemente sádicas e enganosas.

—Apenas alguns entre os Faol de hoje prejudicariam nosso povo. Muitos mais veriam nossa união com os clãs para nossa segurança e vantagem.

Juntarem-se aos clãs? Quem concebeu ideia horrível? Primeiro eles estavam falando sobre trazer lobos para viverem entre eles, e agora seus líderes estavam mencionando deixar a floresta para os Éan juntarem-se aos clãs?

A águia da Una lutava por controle, a necessidade desesperada de fugir crescia com cada batida rápida de seu coração.

—No futuro, nós não teremos nenhuma escolha — disse Anya Gra, como se lesse a mente de Una. —Mas por agora, nós apenas devemos fazer estes poucos lobos confiáveis, bem-vindos entre nós.

Apenas? Não existia apenas sobre isto. Isto que a família real pedia era monumental. Além de apavorante.

Era impossível.

—Você pede demais. O som da voz do pai de Una trouxe uma mistura de emoções, como sempre fazia.

Culpa. Pesar. Alívio. Segurança.

Apesar de encurvado pelo grave ferimento que recebeu pelas mãos dos Faol quando salvou Una de suas garras, ele fazia uma imponente figura enquanto caminhava em direção ao príncipe e à sacerdotisa.

O tampão de couro que cobria o olho que ele havia perdido na mesma batalha deu a seu pai um ar sinistro que ela sabia ser falso. Ele era o melhor dos homens.

E para sempre desfigurado por ferimentos que nunca permitiriam que ele voasse de novo... por causa dela.

— Você nos pede para fazer bem-vindos aqueles que fizeram isto? — ele gesticulou em direção a si de um modo que ele normalmente não faria.

Ele ignorou suas deformidades e esperou que outros fizessem o mesmo.

—Nay. A postura arrogante do príncipe ia além de sua idade, mas se adequava perfeitamente à sua posição como o líder de seu povo. —Eu exijo que vocês façam bem-vindos a esses lobos que morreriam para proteger vocês, para que qualquer coisa assim jamais aconteça novamente.

—Morrer, por gente como eu? — seu pai ridicularizou. —Isso seria um bom dia, realmente, não seria? Quando um lobo morreria para proteger um pássaro.

—Você duvida do meu desejo de proteger você e todo meu povo? — o príncipe exigiu, com um chamejar de vulnerabilidade que rapidamente sumiu de seus olhos âmbar.

—Nay. Meu príncipe, você nos ama como seu pai amou antes de você, mas isto? Este risco que você tomaria com nossa segurança, é tolice.

De repente Anya Gra estava de pé bem em frente ao pai de Una, sua expressão lívida, nenhum desejo de conciliação evidente.

—Fionn, filho de Micael, você ousa me chamar de tola?

Oh, a mulher estava mais que nervosa. Até mais furiosa que pai de Una havia ficado.

—Nay, Sacerdotisa. Sua sabedoria guiou nosso povo por muitos anos.

—Então, é de minhas visões que duvida? — a *celi di* acusou sem diminuir a fúria em seu tom.

O pai de Una agitou a cabeça vigorosamente.

—Suas visões sempre foram certas e verdadeiras.

—Então você, e todos aqueles que ficaram ante mim hoje — ela disse, incluindo todos no banquete com olhar afiado de seu corvo. —Todo meu povo dará a estes lobos uma chance de provar que nem todo Faol nos mataria enquanto dormimos.

—E se estiver errada? E se eles nos entregarem? — seu pai ousou questionar.

O respeito de Una por seu pai aumentou. Era preciso muita coragem para enfrentar Anya Gra, líder espiritual e um dos mais antigos entre eles.

—Então eu lançarei meu fogo e destruirei seus clãs sem piedade. O príncipe prometeu em um tom que ninguém, nem mesmo seu resolutivo pai, podia negar.

Seu pai assentiu, entretanto ele não ficou mais feliz pela garantia.

—Aye, está certo então.

O príncipe Eirik lançou seu olhar a toda comunidade, sua expressão continha uma certeza inequívoca.

—Eu sempre protegerei meu povo com o melhor de minha habilidade. Dar as boas-vindas a estes homens honrados faz parte disto.

Una notou como ele continuava dizendo que estes lobos eram bons homens, confiáveis e honrados.

Ele era seu príncipe e ela deveria acreditar nele.

Mas ela não podia.

Ela sabia a verdade. Não que ela odiasse todos os lobos. Isso a faria igual aos Faol que a levaram e fizeram todas aquelas coisas horríveis com total intenção de matá-la no fim, como eles matariam qualquer Éan que cruzasse seu caminho.

Não, ela não compartilharia o preconceito irracional de seu inimigo e odiaria uma raça inteira, sem fazer distinção entre indivíduos.

Mas ela também não podia confiar neles.

CAPÍTULO DOIS

Bryant e seus companheiros cavalgaram até uma clareira no meio da floresta. Seu guia, Circin do clã Donegal, parou seu cavalo sem nenhum som.

Os seis soldados Faol também pararam seus cavalos.

—E agora? — Donnach, outro lobo Balmoral enviado por seu laird para agir como diplomata com os Éan, perguntou.

—Nós esperaremos — disse Circin, sua mocidade desmentida pela confiança.

Na linha para ser o próximo líder do clã Donegal assim que o atual laird, Barr, o treinasse para sua posição como laird e alfa do bando, o jovem era um metamorfo extremamente raro, com dois animais. Não que a natureza tripla de Circin fosse de conhecimento geral, mas Bryant e os outros, se estivessem olhando, testemunharam o outro homem mudar para corvo na noite anterior.

Como o clã de Circin sabia que ele era um lobo, isso significava que o Chrechte possuía uma natureza animal dual: Faol e Éan.

—Por que você não é um dos emissários? — Bryant perguntou a ele.

Ele acreditava que um homem que compartilhava sua natureza com um corvo e um lobo faria uma melhor ponte para o buraco entre as duas raças que um lobo puro.

—Eu vivi entre os Éan por um ano depois que Barr se casou com Sabrine, mas eu não disse a ninguém exceto ao príncipe e Anya Gra sobre meu lobo. Todos nós acreditamos que seria melhor naquele momento.

Considerando o passado das duas raças Chrechte, Bryant não teve dificuldade de entender por que aquela decisão foi tomada.

—Da mesma maneira que seu clã não sabe sobre seu corvo?

—Alguns em meu clã sabem. Circin admitiu facilmente.

E então algo ficou claro para Bryant. Circin mudou onde Bryant e os outros poderiam vê-lo porque confiava neles.

—Você está agindo como ponte mesmo que os outros não saibam.

Um leve rubor apareceu no rosto do laird em treinamento.

—A confiança entre os irmãos Chrechte deve começar com cada homem.

—E mulher. Um dos guerreiros Sinclair adicionou solenemente.

Todos assentiram. Os Chrechtes das Highland entendiam o valor de todo o seu povo. Entre os clãs, as mulheres humanas eram vistas frequentemente como posse, mas nos Chrechtes não era assim.

As leis antigas ditavam que todos tinham seu lugar perante o Criador. O homem não era nada sem a mulher, e a mulher não era nada sem o homem. Da mesma maneira que os Éan não eram completos sem os Faol e os Faol não eram completos sem os Éan.

As diferentes raças Chrechte foram criadas por uma razão e não era o papel de nenhum indivíduo tentar mudar isto. Independente do quão erradas e más as ações de alguns Faol fossem.

Ele ainda achava difícil acreditar que em apenas algumas gerações a memória de outras raças Chrechtes foram tiradas dos Faol, deixando os lobos acreditarem que eram os únicos metamorfos existentes.

Agora, outros além da família de Bryant sabiam e acreditavam que as histórias antigas

eram mais que simplesmente isto. Era a história de um povo que realmente viveu, e ainda vivia, em segredo profundamente na floresta nos últimos séculos.

Um dia, lobos e pássaros se uniriam também aos Paindeal, seus irmãos e irmãs que se transformavam em felinos. Deveria ser assim.

Bryant não foi escolhido como emissário por acaso. Ele desejava apaixonadamente a reconciliação das raças.

Ele havia sido criado, desde filhote, para acreditar que chegaria o tempo em que os Éan seriam novamente aceitos entre os Faol. Deveriam ser aceitos.

O desejo de fazer isso real estava profundamente embutido em seu interior e ele veria isso acontecer.

Os Éan precisavam se juntar aos clãs como fizeram os Faol, para seu bem e segurança.

* * *

Escondida num galho alto de sua árvore, Una assistiu em sua forma de águia como os seis guerreiros Faol seguiam Circin dos Donegal e seu próprio príncipe a cavalo para a aldeia, cavalcando por entre a base das árvores as quais a maioria dos Éan fizeram suas moradias.

Onde antes existiam algumas cavernas preparadas para os humanos que inesperadamente encontravam o lar secreto dos Éan viverem, agora tinha várias cabanas. Elas eram para as famílias em sua maior parte humanas que escolheram entrar para a tribo ao invés da morte, ou para os nascidos na tribo quando um antepassado havia feito àquela escolha. Muito poucos Éans moravam entre eles, apenas aqueles acasalados com um humano ou os que haviam sido feridos de modo que não pudessem voar.

Seu pai era um desses pássaros. A casa que ele compartilhava com sua mãe estava na base da árvore em que Una empoleirava-se. Ela quis viver com eles quando foram forçados a deixar sua casa entre as árvores, mas seus pais haviam recusado.

Ela ficaria mais segura em sua antiga casa no alto, eles disseram. Um pássaro não deveria viver chão, seu pai alegou. Sua casa não deveria ser abandonada, sua mãe insistiu. E Una sabia que eles estavam certos em todos os pontos.

Então, ela ficou na humilde habitação construída no antigo e gigante carvalho por um de seus antepassados.

Porém, os cinco anos desde seu horror foram solitários. Seus pais não sabiam, mas Una nunca convidou outros para compartilhar o espaço que ecoava com a perda que sua família sofreu por causa de sua curiosidade e desobediência.

Ela não tinha dificuldade de se aproximar apenas dos lobos. Existiam apenas alguns poucos seletos que ela podia ficar perto, e as crianças. Os pequenos não causavam nenhum pânico nela.

Graças ao Criador, porque a contribuição de Una para sua tribo estava em sua habilidade de ser próxima aos jovens.

Seus pensamentos nas crianças cessaram quando os guerreiros ficaram perto o suficiente para que sua águia enxergasse detalhes dos lobos enviados pelos clãs para de alguma maneira provar o improvável... que os Éans podiam confiar nos Faol.

Os guerreiros eram enormes, parecendo muito maiores à medida que se aproximavam. Alguns poucos entre seu povo, como o príncipe Eirik, possuíam tal estatura, mas não era tão

comum entre os Éans como era para os Faol ficar uma cabeça e ombros acima dos homens humanos.

Um lobo em particular atraiu o olhar afiado de sua águia. Vestindo o plaid azul e verde com finas faixas amarelas dos Balmoral, ele não vestia nenhuma camisa com seu kilt. Os músculos de seus braços e torso salientes com força. Um triângulo de cabelo escuro que combinava com o de sua cabeça cobria a pele de seu tórax dourado pela exposição ao sol.

Seus cabelos castanhos encostavam-se aos ombros largos, seu rosto não estava barbeado, mas também não era uma barba desleixada. Impecavelmente cortada perto de sua pele, acentuava os ângulos duros de suas bochechas e mandíbula forte.

Os pés do lobo estavam nus, os músculos de suas pernas fortes e esticados. A única coisa que ele vestia além do plaid eram uma enorme espada e uma faca em sua cintura.

Ele assim parecia mais imponente que sua forma de lobo.

E este homem deveria vir em paz, um emissário dos Faol?

Apesar de os outros continuarem, ele parou seu cavalo perto da cabana de seu pai. Girando primeiro à direita e então à esquerda, ele parecia estar procurando por algo. Ele levantou sua cabeça, inalando, enquanto cheirava o ar.

Por quê? O que atraiu sua atenção?

Una deu um grito estrangulado quando sua cabeça virou para cima e seu olhar penetrante e cinzento foi direto para ela.

Um lobo, não uma águia, ele não devia ser capaz de enxergá-la entre as folhas e galhos. Mas ela sentiu como se seus agudos olhos cinzentos olhassem diretamente nos de sua águia.

Um dos soldados voltou, parando próximo a ele. Era o outro soldado Balmoral, pelas cores de seu plaid. Ele disse algo para o lobo de olhos cinzentos, mas ela não sabia as palavras exatas.

Ela se manteve muito acima, e diferente dos lobos, sua audição era pouco melhor que a dos humanos.

Petrificada pela presença do guerreiro Faol e ainda sentindo um desejo completamente inexplicável de voar para abaixo e olhar mais de perto, ela ficou parada no galho.

O outro soldado disse algo novamente, desta vez seu tom foi mais afiado. O homem de olhos cinzentos finalmente se virou e colocou seu cavalo em movimento. Assim que seu pai saiu da cabana.

A colisão pareceu iminente e Una deu um agudo grito angustiado, o som de sua águia mais alto que jamais seria o de sua mulher humana.

Mas seu pai não acabou na sujeira, sua perna ruim tirada de debaixo dele. O lobo, movendo-se mais rápido do que ela já havia visto entre os Éans, desmontou e empurrou o cavalo para fora do caminho de seu pai com o próprio corpo.

Incapaz de negar a necessidade de ficar mais perto, Una pulou de galho em galho mais abaixo, até poder ouvir o soldado Balmoral se desculpar com seu pai.

Seu pai ignorou as palavras do homem, virando-se sem reconhecê-lo e olhando fixamente acima na árvore. Como se ele, também, pudesse sentir sua presença, que era muito mais provável. Considerando que ele tinha a visão de uma águia e era seu pai.

Mesmo que ele não tivesse visto sua águia entre os galhos da árvore, seu pai saberia da necessidade de Una de ver os lobos assim que eles entrassem na aldeia.

—Você não deve vir à aldeia por enquanto — ele falou para ela, provando que sua

suposição estava correta.

Ela não tinha nenhuma intenção de ir à aldeia com os lobos por lá, mas algo mexeu dentro de Una como não havia mexido em cinco anos.

Curiosidade agravada pelas restrições impostas a ela. Só precisou lembrar o que aqueles sentimentos a levaram a fazer antes, e ela já levantou voo, fazendo seu caminho em direção à sua casa com uma velocidade normalmente reservada para perseguir suas presas.

Não que ela caçasse muito. Mesmo em sua forma de águia, ela não gostava de caçar. Não depois de ela mesma ter sido a presa.

Como uma águia, Una devia ter se tornado uma guerreira como a princesa, Sabrine, e algumas das outras mulheres fortes de seu povo.

Mas Una não tolerava a batalha e menos ainda a matança. Ela deveria proteger seu povo, mas Una era inapta em quaisquer táticas de luta exceto nas mais básicas.

Seus pais nunca disseram isso, mas eles tinham que estar desapontados que sua única filha fosse uma Éan tão medíocre.

CAPÍTULO TRÊS

Bryant assistiu o Éan mais velho voltar para sua cabana, sem se surpreender pela grosseira falta de boas vindas.

Os Faol tinham muito para se justificar por seu antigo tratamento aos Éans. Ele e os outros soldados lobo estavam aqui na floresta dos Éans com um propósito... mostrar que os Faols como um todo não tinham as mesmas visões erradas de seus antepassados.

Ainda existiam alguns por aí, agindo em segredo contra seus irmãos metamorfos, mas lidariam com eles quando eles fossem revelados. Com mais misericórdia que a maioria merecia. Mas o metamorfo águia Lais era a prova que não só outros além dos Faol podiam ser levados a acreditar nas mentiras daqueles que queriam erradicar os Éans, mas também alguns dos enganados podiam ser convencidos da verdade.

Com ajuda das informações de Lais, Barr estava procurando diligentemente entre o clã Donegal pelas velhas sementes deixadas para trás por seu antigo laird, um homem do mal que não respeitava a vida humana ou Éan.

Enquanto seu cavalo o levava adiante, o lobo de Bryant uivava em protesto. A besta dentro dele queria subir aquela árvore e investigar o odor intrigante que o parou em sua base.

Considerando o número de olhares desconfiados, e alguns completamente de medo, que ele e os outros lobos receberam em sua chegada, esse era um plano de ação que poderia levar a um resultado oposto do que esperavam. Bryant precisava mostrar aos Éans que ele não era uma ameaça.

Contra os impulsos de seu lobo, ele cutucou seu cavalo para seguir Circin e o príncipe Eirik para dentro da aldeia.

Quatro dos soldados foram colocados em casas com membros humanos da tribo dos Éan. Nenhum com metamorfos pássaros, e dois deles, Bryant e Donnach, receberam sua própria pequena cabana para compartilhar. Que significava que de todas as casas na aldeia, só quatro estavam dispostas a ter lobos ficando com eles.

O príncipe Eirik explicou que depois que seu povo estivesse acostumado à sua presença, Bryant e Donnach receberiam a opção de viver na habitação na copa da árvore que alojava o príncipe e sua avó. De lá, eles poderiam gastar mais tempo com os Éans.

Bryant preferiu ver isso como progresso em vez de mais uma prova de que os Éans não estavam prontos para se juntarem aos clãs. Como seu laird advertiu, esse era o caso mais provável.

De acordo com as histórias que o avô de Bryant contou os lobos também não gostaram de se juntar aos clãs humanos. Especialmente depois da traição de MacAlpin, mas seus antepassados perceberam que se os Chrechtes quisessem sobreviver, a mudança era necessária.

E de alguma forma, foi feito mais facilmente depois da traição de MacAlpin, quando um príncipe não podia ser facilmente reconhecido entre seu povo porque MacAlpin matou a todos.

Não como os Éans. Eles tinham o príncipe Eirik, que todos esperavam que se tornasse rei em seu aniversário de vinte e cinco anos.

Os Éans também tinham seu próprio líder espiritual, e uma pedra sagrada, o Clach Gealach Gra, usada durante suas cerimônias Chrechte. Os Faols ou nunca tiveram uma pedra, ou há perderam muitos anos atrás e desistiram de suas *celi di* em favor dos padres dos humanos.

Os Éans também eram acostumados a viverem na floresta, como ladrões fugindo do magistrado.

Convencê-los da necessidade de se reunirem aos seus irmãos e se tornarem parte dos clãs, onde muitas de suas liberdades seriam reduzidas mesmo se eles gostassem dos outros, não seria nenhuma tarefa fácil.

E ainda assim, o lobo de Bryant tinha mais interesse no odor que chamou sua atenção que na tarefa a sua frente.

* * *

A névoa do mundo espiritual rodava ao redor das pernas de Una, mesmo enquanto se movimentava a umidade agarrava-se a ela. Apesar de estar dormindo, isto não era nenhum sonho.

Ela ouviu falar disto, da habilidade que alguns poucos Chrechtes tinham de se encontrar em um plano não puramente físico. Oh, mas parecia real o bastante, ela experimentou isto em um nível que poderia impactar seu corpo, poderia até deixar marcas nele, caso se acreditasse nas histórias, mas seu corpo não estava realmente lá.

Ela sempre acreditou que isso só era possível para os *celi di*, para aqueles de sangue real e alguns companheiros sagrados muito abençoados. Ela não era nenhum desses e mesmo assim estava aqui. Onde quer que aqui fosse.

A floresta ao seu redor não era como sua floresta, mas tinha árvores mais largas que dez guerreiros Faol colocados ombro a ombro, e tão altas que ela não podia ver seus topos estando abaixo delas. O musgo verde crescendo no lado norte de seus troncos era de um verde brilhante, mais brilhante que qualquer coisa na floresta de sua casa.

Flores cresciam em aglomerados de cores vibrantes, as íris ficavam na altura de sua cintura para espiar por sobre a névoa em constante rodopio. Os pássaros gorjeavam, apesar de ela não poder vê-los, e o som de um riacho murmurava ao longe.

Apesar de ter ido dormir de noite, com a lua alta no céu, era cedo de manhã aqui, o sol ainda arrastava um brilho dourado no horizonte.

O som de um cavaleiro se aproximando a fez girar para o sol, só para ver o homem da véspera galopando em seu enorme cavalo de guerra marrom. Ele a viu. Não havia nenhuma dúvida nisso, pois ele mudou rapidamente de direção, parando aquela enorme besta de cavalo perante ela.

O cavalo sacudiu a cabeça enquanto o cavaleiro olhava abaixo para ela em confusão.

—Quem é você?

—Eu sou Una. Nada do pânico que ela normalmente experimentava ao redor de estranhos veio para atormentá-la, e descobriu o menor dos sorrisos levantando seus lábios.

Ela se alegrava em poder falar com este homem sem medo.

—Eu não conheço você — o homem de olhos cinzentos disse, suas sobrancelhas se juntando.

—Eu sei. Seu sorriso aumentou. —Eu disse a você meu nome. Agora, diga-me o seu.

Ela não conhecia esta ousadia no mundo físico, mas aqui, ela se sentiu segura. Este era o reino espiritual Chrechte, um lugar que ela só poderia ser chamada por ser Éan, e um lugar onde nenhum dano podia ser feito a ela.

Nenhum Faol com intenção de machucar teria permissão para entrar. Nisto sua águia estava tão certa, que até seu coração humano tinha que aceitar.

—Meu nome é Bryant.

—Você é Faol.

—Você é Éan? — ele perguntou, ao invés de declarar.

—Eu sou.

—Você é *celi di*? — o modo que seu olhar de tempestade vagava sobre ela dizia que direção espiritual era a última coisa em sua mente.

—Não. Uma vergonha familiar que não tinha nenhum lugar aqui ainda a assaltou. —Eu não sou nada especial.

—Eu estou certo que isto não é verdade.

—Você não saberia. Todo vontade de sorrir fugiu.

Preocupação escureceu seus olhos, como se sua tristeza realmente o aborrecesse.

—Eu fui atraído para você.

Ela meramente agitou a cabeça.

Bryant desmontou com uma facilidade de movimento que ela sabia não ser simplesmente porque eles conversaram no reino espiritual. Sua graça natural a encantava aqui, entretanto se visse isto em casa sabia que consideraria isto uma ameaça.

—Você estava dormindo quando veio para este lugar? — ele perguntou enquanto se aproximava, aparentemente despreocupado de como seu cavalo ficaria sem seu cavaleiro.

—Eu estava.

—Então, isto é um sonho? — ele perguntou.

—Não. Até em seus sonhos, seu terror pelos Faol nunca a deixaria ficar muito perto dele.

—Onde nós estamos então?

—Você está tão certo que eu tenho as respostas?

—Eu só sei que eu não tenho.

—É o reino espiritual dos Chrehtes.

—Eu ouvi histórias — ele franziu as sobrancelhas. —Mas seguramente isto não é real. Isto não passa de um sonho.

Ela levantou a mão, regozijando-se por sua ousadia de fazê-lo, e tocou seu braço musculoso. Sua mão surgiu aparentemente por vontade própria para cobrir a dela. O calor se espalhou entre eles, apesar da névoa que os cercava ainda estar fria no ar do início da manhã desse lugar.

—Isto não parece um sonho — ele disse com calma admiração.

—Porque não é.

—Mas quem é você, se não uma *celi di* para trazer-me aqui?

—Eu não trouxe você.

—Então eu trouxe você? — ele perguntou, soando inseguro.

—Não. Talvez nós nem estejamos aqui um para o outro, apenas viemos ao mesmo tempo.

—Não. — Foi sua vez de dizer, mas com muito mais veemência do que a que ela utilizou na negação. —Você está aqui por mim.

—Você nem sabia onde estava, como pode estar tão certo disto?

—Meu lobo quer você.

Não havia mal entendido no calor de seus olhos cinzentos.

—Talvez os lobos não sejam ensinados que não podem ter tudo o que querem, mas diferente disso, nós Éans sabemos.

Ele puxou sua mão, movendo-a para que ficasse entre seus pés, tão perto que seus corpos tocavam.

Seu coração acelerou, mas não era por terror. Sua respiração ficou presa, mas não porque seus pulmões se recusavam a trabalhar. Pela primeira vez em cinco anos, Una se encontrou querendo ficar próxima de outro adulto, almejando uma proximidade física que estava certa que sempre seria negada a ela.

—Você me quer também — ele proclamou. Sua expressão sem confusão, mas tinha uma certeza que aquecia seu ventre.

—Aqui, posso sentir tudo que me é negado quando sou completamente eu mesma.

—O que você quer dizer? — ele perguntou, sua cabeça se curvou como se quisesse escutar mais de perto.

Ou beijá-la.

Era possível que ela realmente esperasse pelo último?

—Eu não consigo aguentar que ninguém, exceto meus pais e as crianças, fique perto de mim.

—Por quê?

—Não é algo que eualaria aqui. — A feiura do seu passado e a dor contínua não pertencia a este bonito lugar.

—Um dia você dirá a mim.

Ela riu então, como ela muito raramente fazia, e só em torno das crianças.

—Você assume que nós nos veremos novamente.

—Eu estou vivendo entre seu povo agora. Se eu não a vir neste lugar milagroso novamente, eu a verei em sua aldeia.

Ela simplesmente agitou a cabeça, sabendo que não seria assim.

—Eu não vou para a aldeia.

Pelo menos por agora. Seu pai a proibiu.

—Com o passar do tempo, nós teremos permissão para ir às árvores.

—Eu duvido. — Alguns dos humanos que viviam em sua tribo nem sequer haviam recebido um convite para isso.

Seu sorriso era sagaz, mas ele não discutiu com ela. Ao invés disto, ele abaixou mais a cabeça e sussurrou contra seus lábios.

—Eu gostaria de saber.

—O que você gostaria de saber? — ela perguntou sem fôlego.

—Se seu gosto é tão delicioso quanto seu cheiro é para meu lobo.

Ela teria respondido. Ela deveria ter negado, mas não estava pensando, não quando isso poderia ser o único gosto de intimidade que teria.

Mas ele não deu chance dela fazer nada. Simplesmente apertou seus lábios nos dela, beijando-a.

Foi a sensação mais surpreendente que Una já conheceu. Seus lábios não formigaram simplesmente contra os dele, foi muito mais. Prazer. Fogo. E a necessidade por cada vez mais e

mais.

Ela ofegou em choque pelo prazer e sentiu a língua dele brincar com a sua por seus lábios separados.

Seu corpo inteiro se pressionou ao dele, uma dor crescia dentro dela por algo que não sabia nomear. Movia-se inquietantemente contra ele, a umidade não fazia nenhuma barreira entre a pele morna dele e a própria.

Uma grande mão de guerreiro se moveu mais para baixo em um gesto tão íntimo, que Una choramingou.

E então ele se foi.

CAPÍTULO QUATRO

Nada mais mudou ao redor dela, mas Bryant e o grande cavalo marrom desapareceram, como se eles nunca estivessem ali.

Una colocou a mão em seus lábios inchados pelo beijo. Ele esteve aqui. Ele a beijou.

E então ele foi levado? Para ir para quem ele realmente deveria encontrar? O pensamento a entristeceu tanto que lágrimas queimaram seus olhos.

—Por que estou aqui? — ela gritou entrecortadamente para a floresta vazia.

—Este é um lugar que os Chrehtes vêm por respostas — uma voz disse a sua esquerda.

Una não queria girar para enfrentar a outra mulher, mas a educação ditava que não tinha escolha.

Girou para encontrar uma mulher com características semelhantes às de Anya Gra, só que muito mais jovem e sem a tristeza sombreando seu olhar azul que fazia parte da *celi di* dos Éans. Será que ela viu a exibição sem vergonha de Una com Bryant?

A outra mulher agitou a cabeça como se respondendo a pergunta não formulada.

—Este é um lugar curativo para alguns, um lugar de respostas para outros, alguns vêm aqui simplesmente para encontrar paz.

—Eu não vejo mais ninguém.

—Normalmente é assim mesmo.

—Mas mais cedo...

—Existe sempre um propósito nos encontros com outros aqui. Lembre-se disto, pequena Una, coração valente.

—Eu não sou valente — Una negou. —Não mais.

—O espírito da menina ainda vive no coração da mulher.

—Eu não acho — Una disse se desculpando, pesarosa por desapontar a senhora bonita e muito amável.

—Eu conheço seu coração como nem você faz.

—Mas é meu coração? — de alguma maneira as palavras terminaram como uma pergunta ao invés da declaração que Una pretendia.

—É?

Antes de Una poder responder, a mulher se foi também, e então Una sentiu-se caindo, o ar sussurrando como se ela tivesse saltado da mais alta cachoeira na floresta. Não era algo que fosse provável ela fazer.

Não aterrissou com um sobressalto, ou um baque. Na verdade, ela não sentiu a aterrissagem, mas de repente estava nas peles em que dormia, dentro de sua modesta casa e completamente acordada, os primeiros raios de sol da manhã perseguindo as sombras noturnas do quarto.

* * *

Una vestiu-se cuidadosamente para o banquete de boas vindas dos guerreiros Faol realizado na morada real entre as árvores.

Conseguiu faltar o último ocorrido na aldeia logo após a chegada dos homens, não apenas

porque seu pai a proibiu de ir. Mas agora, ninguém que foi convidado para a casa de Anya Gra e seu neto, príncipe dos Éans, tinham permissão para dizer não.

Não sem ofender seriamente a família real Éan. E nem Una, nem mesmo seu irascível pai, estavam dispostos a isso.

Escadas de cordas foram soltas para a aldeia abaixo para que os líderes na aldeia junto com os soldados pudessem subir nas árvores. Aqueles que não podiam subir nas cordas, como seu pai, seriam erguidos em um catre com cordas puxado pelos mais fortes entre eles.

Não era nenhuma tarefa fácil e Una não podia ignorar seu significado e esforço, por não comparecer.

E, bem... ela realmente queria ir.

Um mês atrás, Una teria dito com absoluta certeza que a antecipação que ela sentia agora com o pensamento de ir ao banquete era impossível contemplar. Mas isso foi antes de quatro semanas de visitas para a terra espiritual dos Chrehtes.

Ela esteve de volta em três ocasiões diferentes e todas às vezes ele também esteve lá. O guerreiro Faol, Bryant.

Ele se desculpou por deixá-la tão abruptamente da primeira vez e então disse que sentia muito por tê-la beijado sem licença. Ela admitiu que provavelmente nunca tivesse a coragem para ceder. Então, ele disse que talvez devesse beijá-la novamente sem perguntar.

Ela respondeu que poderia ser melhor.

Não havia sido formal, ou estranho, mas engraçado e leve. E ele a beijou. Maravilhosamente.

Mas ele nunca deixou a mão vagar para baixo de novo. Ela queria perguntar por que, mas nunca conseguiu juntar coragem para fazer isso. Era muito mais audaciosa no reino espiritual, mas ainda assim... era ela mesma.

Eles conversavam sobre muitas coisas. O irmão mais velho irritantemente protetor dele, e suas irritantemente mimadas irmãs mais novas. Ele contou histórias para ela sobre como crescer em uma grande família e ela disse como era viver entre os Éans, sendo filha de um dos maiores guerreiros da tribo.

Ela não falou do horror que viveu cinco anos atrás e ele não mencionou seu propósito na aldeia.

Seu tempo sempre terminava muito depressa e ela temia que cada curta estada no mundo espiritual fosse a última, ou que na próxima vez ela não o veria. Apesar de o espírito da *celi di* dizer que todas as reuniões tinham um propósito, Una estava certa que ela encontrou Bryant por acaso, quando ele estava lá por algum outro motivo.

E hoje à noite ela o veria em carne e osso.

Será que ele se lembraria de visitar com ela o reino espiritual? Ele buscaria sua companhia?

Ou suas curtas visitas foram meramente construídas por uma mente excessivamente solitária, fixada em um breve vislumbre de um homem cuja natureza deixava Una em pânico.

Eles não podiam ser amigos no reino físico. Poderiam?

A própria ideia era absurda. Ele era Faol e se ele a abordasse pessoalmente, neste lugar, era mais provável que ela desmaiasse de pânico em seus pés.

Suspirando por sua própria imperfeição, que ela não tinha ideia de como superar, entretanto pela primeira vez ela queria, Una endireitou sua roupa de manga longa. O corpete que

usava por cima era feito de couro flexível que sua mãe curtiu meticulosamente para ela. Mòrag também o tingiu de verde urze, do exato tom do plaid dos Éans, e ajustou à figura de Una com pontos cuidadosos que durariam por muitos anos.

A saia de Una era feita do tartan de sua tribo, nas cores da floresta, combinavam com o verde urze do corpete. Muitas mulheres Éans usavam saias de couro em vez do tartan, ou vestidos do mesmo material porque o couro era mais comprido. Algumas vestiam kilts apenas ligeiramente mais longos que os dos homens. Estas eram as mulheres guerreiras, mas Una estava longe de ser uma.

Ela não usava sapatos, como a maioria dos Éan estava acostumada a fazer, mas teve o cuidado de esfregar seus pés, limpar os dedos e aparar as unhas.

Una gastou mais tempo que o habitual escovando seu longo cabelo até ele brilhar em ondas castanhas suaves ao redor dos ombros e abaixo nas costas. Sendo uma águia, seu cabelo era vários tons mais claros que os de um corvo, que normalmente era preto brilhante. Era até mesmo mais claro que os de seus pais, mas Una não se importava.

Ela o tirou do seu rosto e prendeu os lados de seu cabelo juntos na parte de trás da cabeça com uma correia de couro.

Ela parecia arrumada e tão civilizada como a maioria dos Éans conseguiam ser. Eles não viviam como os humanos do clã, mas agarravam-se às suas raízes Chrehtes.

Havia um tempo que ela queria imitar os humanos, mas isso foi no passado. Agora ela queria ser completamente Éan, mas nem isso conseguia administrar muito bem, não é?

Una podia estar no céu com sua visão de águia afiada, procurando por intrusos, mas ninguém nunca sugeriu que ela fizesse isso.

Porque foi julgada indigna de confiança. Sua vergonhosa curiosidade não era nenhum segredo, não depois do que custou à sua família e tribo salvá-la da própria tolice.

—Você está linda, filha. — Felizmente a voz de sua mãe quebrou os pensamentos sombrios de Una.

Una girou e correu para abraçar a outra mulher.

—Faz tanto tempo que você não vem aqui em casa.

—Minha casa é com seu pai na aldeia agora — repreendeu suavemente sua mãe. —Este lugar ainda é o mesmo que era no dia que o deixamos para ir para a aldeia.

Sua mãe disse a mesma coisa em cada uma das poucas vezes que veio para as árvores visitar. A habitação de dois quartos estava da mesma maneira que seus pais deixaram. Eles levaram sua estimada cama com eles e a pouca mobília que acumularam.

Sendo uma casa que foi passada de geração em geração em sua família, não tinha pouca coisa na casa. Mesmo seus pais levando as coisas deles, a casa parecia ainda habitada. Os armários continham pratos suficientes para dois, entretanto Una só usava um. Claro que não havia como fazer fogo para comida, tudo que precisasse ser cozinhado deveria ser feito embaixo, no solo, as comidas secas podiam ser armazenadas nas poucas prateleiras e fendas.

Una moveu as peles que usava para dormir no chão da sala desde que era criança para o do quarto pequeno, junto com suas roupas e artigos pessoais. A sala tinha assentos naturais criados pelos galhos da árvore integrada na casa e uma mesa pequena que seu bisavô fez.

—Você gostaria de água? — Una perguntou à sua mãe com a hospitalidade que raramente era exercitada.

—Sim, querida, mas eu mesma pego. — Sua mãe se moveu para o reservatório de água, que era abastecido com o sistema de captação de água que os Éans colocaram no alto das árvores. —Você deve fazer desta casa a sua própria. Um dia você a dividirá com um companheiro.

Una tinha apenas dezenove anos, mas já havia desistido de achar um companheiro. Entretanto nunca disse isso para sua mãe. O pensamento de confiar em alguém para dormir ao seu lado a enchia com um medo que não era nem capaz de dar voz.

—Meu pai já está na residência real?

Mòrag fez uma careta.

—Ele está dando ao príncipe Eirik uma bronca sobre os lobos, se não me engano.

—O que eles fizeram agora?

—Nada, mas de acordo com seu pai, cada um deles é responsável por tudo de ruim que acontece em nossa aldeia, do nascimento de uma criança deformada até a cabra do vizinho que se perdeu no dilúvio que sofremos na primavera passada.

—Mas eles só estão aqui há um mês. —E o verão estava a caminho do solstício.

Mòrag encolheu os ombros e então sorriu tolerante.

—Você conhece seu pai.

—Os lobos são soldados... eles são...

—Gentis? — sua mãe sugeriu.

Una não podia imaginar isto, apesar do modo que Bryant se comportava quando ela o encontrava no reino espiritual. Afinal, Una agia com muito mais coragem lá do que era seu costume.

—Violentos? — ela perguntou em vez disso.

—De forma alguma. Oh, eles são bons caçadores e guerreiros fortes, mas eles são amáveis e muito mais gentis que nossos próprios soldados.

—Eles vivem entre os humanos civilizados. — Ela nunca disse civilizado do modo que seu pai fazia, com um tom zombeteiro em sua voz.

Mas a mãe de Una reconheceu a atitude de Fionn com uma carranca que ambas entendiam.

—Eles vivem, entretanto isso não os fez menos ferozes. Mas o que eles chamam de Bryant sorri mais do que eu já vi um guerreiro sorrir. Ele parece querer fazer amizade principalmente com seu pai. Eu não consigo imaginar o porquê, Fionn tem sido rude com ele em cada oportunidade.

A respiração de Una ficou presa na menção do homem que só conhecia nos sonhos.

—Os lobos que me levaram sorriam também. — Com zombaria e uma frieza maligna em seus olhares sem compaixão que ela jamais esqueceria.

—Nem todos os lobos são como os homens que levaram você.

—Eu sei.

—Sabe?

—Claro, eu não coloco todos na mesma categoria só porque compartilham a natureza de lobo. — Por mais que ela pudesse ficar retraída ao encontrar Bryant pessoalmente, não achava que ele pudesse ser capaz da crueldade que ela sofreu nas mãos de seus companheiros lobos.

Mòrag pareceu entristecer.

—Querida, eu acredito que você coloca.

—Isso me faria ser como eles, mãe, odiando uma raça inteira.

—Você não é nada como aqueles homens, mas estes lobos aqui também não são. — Mòrag alisou o cabelo brilhante de Una. —Você está tão linda esta noite.

Una ignorou o elogio, escolhendo focar as outras palavras de sua mãe.

—Meu pai não gosta deles.

—Seu pai odeia todos os lobos pelo que aqueles horríveis Faols que a levaram fizeram a você.

—E a ele. — Una se virou para que sua mãe não visse a dor enchendo seus olhos castanhos. —Eles deixaram-no incapacitado para voar.

—Aye, mas e estes homens que nosso príncipe permitiu viver entre nós? Eles não fizeram parte disto.

—Mas eles poderiam ter feito.

—Poderiam?

Una estava certa disto. Todos os lobos possuíam aquela crueldade em sua natureza. Não que todos cedessem a isto. Ela sinceramente esperava que Bryant nunca tivesse.

Mòrag suspirou, o som cheio da mesma velha dor que atormentava Una.

—Filha, você sofreu muito, mas não nas mãos destes homens. Eles não machucarão você.

Sua mãe conseguia ver o terror que Una tentava tanto esconder.

—Eu só não entendo por que o príncipe Eirik tinha que deixá-los entrar em nossas terras.

—Porque a mudança deve acontecer.

—Mas por quê? — mesmo enquanto Una perguntava, parte dela ansiava pela mudança. Se não entre seu povo, então em seu próprio coração. Então ela não mais viveria com medo.

—Foi predito.

—E isso faz ser verdadeiro? — ela exigiu.

Entretanto, agora mais que nunca, ela tinha motivos para acreditar nas visões da *celi di*.

—Você sabe que sim. — Sua mãe disse num tom que demonstrava choque pelas palavras de Una. —Nossos profetas nos guiam desde os tempos remotos. Nós não podemos começar a duvidar de sua liderança agora, não se quisermos que seus filhos tenham esperança de viver a vida como deve ser vivida.

—Como escravos dos Faols? — Una perguntou, demonstrando suas piores preocupações.

—Em segredo — Mòrag enfatizou. —Escondendo-nos das pessoas que vivem nesta terra conosco. Já é hora dos Éans pegarem seu lugar ao sol.

—Não — disse Una com uma angústia que ela não podia esconder.

—Oh, filha. — Mòrag a puxou para um abraço, mas Una não conseguia relaxar. As lágrimas viriam se o fizesse.

E ela não daria mais lágrimas para os lobos que fizeram a ela e à sua tribo um dano irreparável.

CAPÍTULO CINCO

A mãe de Una estava certa, Bryant sorria muito mais que os guerreiros Éans eram acostumados a fazer. Especialmente seu pai.

Ele tinha uma natureza alegre quando se encontraram na terra espiritual Chrechte, mas ela achou que era porque estavam em um lugar fora do tempo. Um lugar onde nenhum mal poderia acontecer a eles e o sofrimento da vida física não podia atingi-los.

Mas em um primeiro olhar pareceu que o homem que ela encontrou enquanto dormia era exatamente como o do reino físico.

E era muito mais bonito que qualquer soldado tinha o direito de ser. Até suas cicatrizes, que ele não tinha no outro reino, só o faziam mais atraente. Ele não era um homem perfeito, que nunca enfrentou sofrimento ou luta, era um guerreiro real que tinha as marcas em seu corpo para provar isto.

Com uma presença heroica, ele parecia muito mais intimidante assim, em carne e osso. As tranças no cabelo do guerreiro demonstravam sua vida. Ele explicou a ela o que cada uma representava em sua última visita ao plano espiritual. As três do lado esquerdo eram comemorativas de eventos importantes vividos como soldado da matilha Balmoral.

A que estava em sua direita era em honra ao seu avô que havia morrido dez anos atrás, dando a Bryant seu nome e sua espada. Suas sobranceiras se juntaram em confusão quando ela notou uma segunda trança fina ao lado da primeira. Não estava lá antes. A ponta desta trança estava atada com pedaços de fita.

Caso seus olhos não a estivessem enganando, e considerando sua visão de águia superior, isso era altamente improvável, aqueles pedaços de fita tinham os tons exatos de verdes e marrons que seus olhos castanhos possuíam.

Ela olhou fixamente em olhos que dançavam com humor e algo mais que ela se recusou nomear. O homem de perto tirava seu fôlego.

E isso nunca acontecera antes.

Não neste mundo físico, onde a proximidade com estranhos era mais provável deixá-la em pânico do que entusiasmada.

—Nós ainda não nos conhecemos. — Ele estendeu a mão para tomar a dela, seu olhar cinzento tempestade contanto uma história muito diferente. —Eu sou Bryant dos Balmoral.

Seu pai bateu na mão esticada com sua bengala antes de Una até pensar em retribuir o cumprimento.

—Você não sabe que não deve prosseguir sem uma introdução adequada?

—Muito obrigado por se oferecer, Fionn. — O tom de Bryant só podia ser descrito como presunçoso.

O homem gostava de vencer os outros com astúcia. Ela notou isto até no plano espiritual. Ela achou isto encantador lá, aqui pessoalmente, era mais provável causar um ataque apoplético em seu pai.

Com certeza, o rosto de Fionn ficou vermelho em fúria e os olhos prometiam retribuição.

—Bryant, posso te apresentar minha filha, Una? — movendo-se ligeiramente para ficar entre Una e Bryant, Mòrag se apressou a preencher a lacuna, como fizera tantas vezes ao longo dos anos por causa dos modos pouco corteses do pai de Una. —Una, este é um dos soldados Faols

que nosso príncipe recebeu para viver entre nós.

Ainda que Una não tivesse encontrado este homem nestas últimas semanas enquanto eles dormiam, ela o havia visto chegar na aldeia. Ela entendeu o movimento de sua mãe pelo que era, uma tentativa de proteger Una de ser obrigada a tomar a mão do homem entregue em saudação.

Alheio às maquinções de Mòrag, Bryant simplesmente se moveu de forma que estivesse uma vez mais perto de Una. Ele ofereceu sua mão, agora marcada de vermelho, uma segunda vez, nem sequer olhando em seu pai para ver se o outro homem iria objetar desta vez.

Una viu a careta reveladora de sua mãe se transformar em um olhar de surpresa quando a mão de Una avançou por vontade própria para ser engolida na grande pata masculina.

Apesar de tremer pelo toque do lobo, ela o permitiu, sem arrancar sua mão da dele apressadamente, nem puxar de seu aperto.

Seus olhos cinzentos se estreitaram, a expressão ficando preocupada enquanto ele sentia o odor de seu medo. Ele aprenderia muito depressa que diferente dele, Una era bastante diferente no reino físico que no espiritual.

Ele não a soltou imediatamente, e ao contrário de suas experiências passadas, seu medo dissipou ao invés de crescer. Mas não a deixou completamente. Para isso precisaria de um milagre, e ela tinha esgotado os dela naquele fatídico dia cinco anos atrás.

Mas Una não sentiu nenhum desejo de fugir e isso era milagre suficiente, ela acreditava. A mão de Bryant era morna e forte, exatamente como no plano espiritual. Ele não esmagou seus dedos, segurava sua mão como se ela fosse tão delicada quanto um pássaro de verão.

—Eu sou uma águia — ela revelou.

Seus olhos se alargaram.

—É bom saber.

Entretanto ela havia dito a ele sua forma no plano espiritual. Ele disse a ela que queria ver, mas ela se recusou a mudar. E ela enfaticamente não quis ver seu lobo. Nem mesmo no plano espiritual.

Quando ela não deu nenhuma resposta, Bryant adicionou:

—Eu soube que águias são incomuns entre os Éans.

Ela também havia dito isso a ele. Mas ela não contou que não era uma águia muito boa.

—Nós somos, os Faols mataram muitos de nós. — O tom do pai de Una era quase amigável, mas as palavras usadas eram qualquer coisa menos isto. —E eu agradeceria se você soltasse a mão da minha filha agora.

Una ofegou. Se pelo fim do contato com o único homem que já a havia beijado, ou pela reação inesperada de seu pai para Bryant, ela não sabia.

—Ela é encantadora — disse Bryant para sua mãe. —Você deve estar muito orgulhosa dela.

Mòrag sorriu e assentiu.

—Ela é. É uma surpresa para nós dois que nossa filha ainda não tenha acasalado aos dezenove anos.

As bochechas de Una queimaram enquanto seu pai fez um som de desgosto, aparentemente tão impressionado com a impossível tentativa casamenteira de sua mãe como a própria Una.

—Os Chrehtes em nosso clã geralmente se acasalam em idade superior a que os humanos se casam. É uma questão de encontrar a união que o destino pretende para nós, não é? — Bryant

perguntou aparentando sinceridade.

As uniões sagradas eram tão comuns entre os Faols? Ela soube de pouquíssimas uniões sagradas em sua vida. Os Éans eram encorajados a acasalar jovens sem considerar a chance de achar seu companheiro verdadeiro. Sem descendência, seu povo teria morrido.

E mesmo desta forma ainda existiam poucos bebês nascidos entre eles.

—Você acredita que achará seu companheiro sagrado? — Una perguntou, ainda um pouco surpreendida por sua coragem de voluntariamente conversar com o lobo, independente de suas visitas noturnas.

Isto não era um tópico que haviam conversado entre os prazerosos beijos. E aqui não era seguro como aquele lugar.

—Eu acredito. Onde quer que ela esteja. — O olhar Bryant deu a Una foi perturbador por sua intensidade. —Nosso laird encontrou a sua em uma inglesa. Sua própria princesa é acasalada com o laird Faol dos Donegals.

—Ela traiu seu povo. — declarou Fionn com categórica certeza.

Una e sua mãe ofegaram. O príncipe Eirik ficaria lívido se ouvisse tal conversa. Ele poderia até castigar Fionn, mas se Anya Gra escutasse tal coisa, a *celi di* poderia amaldiçoar a ele e sua família, negando a eles acesso a pedra sagrada.

—Você não deve dizer tais coisas. — Mòrag falou em um tom que dizia que o pai de Una estava indo à parte mais funda e fria do lago.

—Humph. — Fionn pelo menos pareceu ligeiramente envergonhado.

—Você acredita que Sabine reivindicar seu verdadeiro companheiro é uma traição ao seu povo? — Bryant perguntou a Una, como se fosse sua opinião que importasse, não a de seu pai.

—Os antigos ensinamentos Chrechte deixam claro que os acasalamentos com laços sagrados devem ser colocados acima de qualquer outra coisa. — Una engoliu ao olhar sulfúrico que seu pai lhe deu, mas ela não retiraria suas palavras.

Ela fez de tudo para não desapontá-lo ainda mais desde o desastre de cinco anos atrás, mas nisto, seu pai estava muito, muito errado.

—Você deve perdoar Fionn. — A mãe da Una se afastou de seu marido sem perceber. — Mas os companheiros sagrados são tão raros entre nosso povo que nós esquecemos sua importância frente à simples sobrevivência.

Bryant acenou em compreensão.

—Vocês se acasalam para procriar ao invés de apreciar o laço sagrado. Muitos entre os Faols acreditam que devam fazer o mesmo.

—O que não significa que nossas uniões têm menos importância. — Mòrag declarou firmemente.

—Você e Fionn... — Bryant iniciou.

—Nós não somos companheiros sagrados, mas ainda assim fomos abençoados com uma criança. Por isto, eu sempre serei agradecida. — Sua mãe olhou para Una com calor e o amor.

—Toda criança é um presente — Bryant falou daquele jeito dele, certo das verdades em seu mundo, e qualquer um que discordasse, ele faria ver o erro cometido. —Meus próprios pais são companheiros sagrados.

—Eles tiveram muitos filhos? — Mòrag perguntou melancolicamente.

—Quatro que sobreviveram à infância.

—Isto é realmente uma bênção.

—É o que meu pai diz. Já minha mãe não tem tanta certeza disso quando nós deixamos um rastro de sujeira com nossos grandes pés enlameados em seu chão recentemente limpo.

—Vocês são todos são homens?

—Oh, não. Eu tenho um irmão mais velho e duas irmãs mais novas. E para ser sincero, já ouvi minha mãe dizer que são duas endiabradas, e dão muito mais trabalho que nós, os dois meninos. Entretanto uma se casou e agora é problema do marido. Mas ela nos deu minha preciosa sobrinha, que tem a família inteira em suas mãos.

Una descobriu um sorriso em seu rosto.

—Quantos anos têm a pequenina?

—Dois verões com muito mais energia que nós. — Os olhos de Bryant brilhavam quando ele falava de sua família.

—Você deve sentir muita falta deles.

—Aye.

—E ainda assim você fez sua residência aqui. — Estava além de sua compreensão.

—O repatriamento dos Éans não virá sem sacrifícios. E me parece justo que comece pelos Faols, considerando o custo que seu povo já pagou através dos anos.

—Repatriamento... — Fionn começou em um tom que dizia que viria um discurso de proporções extraordinárias.

Mòrag interrompeu determinadamente sem nem mesmo corar:

—Sabe, Una cuida das crianças de nossa tribo.

—Esta é uma contribuição louvável para o clã.

—Eu deveria ser uma guerreira. — Una admitiu com a vergonha que sempre sentia. — Eu sou uma águia.

—Você é perfeita da maneira que você é — refutou sua mãe com firmeza.

Mas seu pai permaneceu mudo, sua expressão não mostrava nem aprovação nem desdém por sua única filha. Ele estava ainda claramente bravo sobre a ideia da união entre os Éan e os Faol.

—Nossas mulheres não tem treinamento para guerra — Bryant ponderou. — Se elas tivessem, eu não estou certo se nosso laird não seria uma mulher.

Mòrag e Una riram suavemente do que era certamente uma piada, mas seu pai fez uma carranca.

—Uma mulher devia sempre ser treinada para se proteger.

—Nisso nós concordamos. As mulheres Balmoral são ensinadas a caçar pequenas presas e as maiorias dos pais ensinam defesa básica para suas filhas, mas a vida entre os clãs é diferente do que é para vocês aqui na floresta.

—Diferente — zombou seu pai. — Esta é uma palavra para isto.

Bryant não pareceu ofendido, apenas sorriu ligeiramente.

—Eu sei que você tem baixo conceito sobre ser civilizado e devo admitir que os Balmorais são ainda menos que os outros clãs.

—Humph. — Seu pai deu sua resposta favorito quando não tinha nada a acrescentar.

—Você nunca vem até a aldeia? — Bryant perguntou a Una. — Eu não vi você lá.

A leve ênfase que ele deu à palavra *lá* pareceu não ser notada por seus pais, mas Una

sentiu em seu interior. Eles compartilhavam um segredo, uma intimidade facilmente equiparada aos beijos trocados.

—Em geral eu desço diariamente. — Mas ela estava com medo de descer com os lobos estando lá.

Além disso, seu pai a proibiu.

Fionn fez uma carranca.

—Ela não precisa descer na aldeia com soldados estranhos enlouquecendo por aqui.

—Nós não estamos enlouquecendo e seguramente depois de um mês, estamos longe de ser estranhos para você, certo?

—Você é um lobo. Sempre será um estranho — proferiu seu pai, mas sem a raiva habitual.

—Eu senti falta de minhas visitas diárias com minha filha. — Sua mãe disse com um olhar melancólico primeiro a Fionn e depois para Una.

Una sentiu-se culpada. Ela se manteve afastada de sua mãe por causa de seu próprio medo, tanto dos lobos quanto de entristecer seu pai quando ela sabia que não tinha o direito de fazê-lo.

E bem no fundo, onde ela nunca deixava ninguém ver, ela estava mais que apavorada de conhecer Bryant e acabar descobrindo que seus curtos encontros no plano espiritual haviam sido apenas sua imaginação.

—Eu irei vê-la amanhã — Una prometeu à sua mãe.

Mòrag sorriu, batendo levemente em seu braço.

—Eu adoraria que fosse.

—Humph. — Seu pai contribuiu, mas não era um impedimento.

Una deixou um sorriso trêmulo curvar seus lábios.

—Talvez eu a verei também — disse Bryant.

—Por que você iria querer? — Una soltou antes de pensar como as palavras poderiam soar. Mas Bryant não riu, nem mesmo sorriu. Seu semblante masculino ficou completamente sério.

—Eu acredito que você saiba.

—Eu... — mas ela não sabia o que dizer.

Ela não queria dizer a seus pais sobre as viagens ao lugar sagrado dos Chrechtes. Eles se preocupariam. Além disso, ele ainda não havia percebido que a pessoa aqui não era a mesma que a de lá?

—Do que você está falando? — exigiu seu pai.

—Neste caso, eu acredito que os detalhes estão entre sua filha e eu. — A expressão de Bryant não se alterou.

—Tolice. Ela é minha para proteger e cuidar.

—Até que ela esteja acasalada.

—Ela não está acasalada ainda. — Seu pai disse em um tom que Una nunca havia ouvido antes.

Ela olhou fixamente para ele, mas ele estava ocupado encarando Bryant.

—Una? — seu pai incitou sem desviar o olhar do outro homem.

—Eu não sei. — A mentira tinha um sabor azedo em sua língua, mas a verdade seria pior.

A carranca de decepção de Bryant fez o estômago de Una se revirar.

Ela não mentia. Não mais. Não para que ela pudesse escapar sorrateiramente da segurança de sua floresta, nem por qualquer outra razão. E agora este homem, que a conhecia melhor que seus próprios pais, acreditava que ela era uma impostora covarde.

Mas ele não podia entender. Ela não devia causar a seus pais mais nenhuma preocupação ou angústia. Eles não podiam saber que sua natureza Chrechte a arrastou para o mundo espiritual, sem nem ela saber o porquê.

—Eu não sei do que você está falando — reiterou obstinadamente, ignorando as manchas que as palavras deixaram em sua alma.

—Você vai descobrir — prometeu Bryant antes de se despedir de seus pais, com mais educação que os “menos civilizados” Balmorais seriam capazes de realizar.

CAPÍTULO SEIS

Bryant observou a cabana de Fionn disfarçadamente enquanto ele e Donnach preparavam a caça que haviam feito pela manhã.

Una disse que visitaria sua mãe hoje, mas ele não sabia quando isso seria. Eles não haviam se encontrado no plano dos sonhos na noite anterior.

Ela o chamava de plano espiritual, estava convencida de que eles não compartilhavam um sonho. Ele não estava certo de que não eram apenas fantasias noturnas até que a encontrou no banquete na noite anterior.

Ele precisou se esforçar muito para esconder seu choque, primeiro logo que ela apareceu ao lado do irascível Fionn, e depois pela diferença em seu comportamento de quando ele a encontrou enquanto dormia.

Donnach cutucou o ombro de Bryant.

—Pare de encarar a cabana. Eu disse a você que aquele senhor não vai nos acolher.

—Você está errado. Ele foi quase civilizado comigo ontem à noite. — Apesar de Fionn deixar claro a sua desaprovação pela apreciação de Bryant por sua filha.

—Bem, ele não vai ser civilizado se pegar você espionando sua cabana. E por que você está vigiando tanto?

—Eu conheci sua filha ontem à noite.

—Ele tem uma filha? — Donnach perguntou, como se ideia fosse muito improvável para acreditar.

—Aye. Ela é adorável, com rosto oval de sua mãe e lindos olhos castanhos. Seu cabelo é castanho claro, diferente da maioria dos Éans, mais claro que a maioria de lobos também, mas não loiros. — Exatamente como o da mulher em seus sonhos, que aparentemente não eram simples sonhos. — Eles parecem água caindo por suas costas.

Calor subiu por seu pescoço quando Bryant percebeu como ele deve ter soado ao outro guerreiro.

Donnach olhou para ele desconfiadamente.

—Você a acha atraente?

—Aye. — Bryant fez uma carranca.

O que havia de tão incomum nisto? Muitos homens achariam Una atraente, mas Bryant não disse isso. Ele estava muito ocupado tentando controlar seu lobo, que não estava nada feliz com a ideia de que outros machos poderiam se interessar por sua águia.

Donnach também fez uma carranca.

—Não.

—Sim.

—Você não pode.

—Eu posso. E faço. — Qual era o problema de Donnach?

Ainda que Bryant tivesse uma escolha, e ele não tinha (seu lobo rosnou *companheira* em sua mente), ele não viu nenhuma razão para negar a atração que sentiu pela mulher tão tímida pessoalmente e tão corajosa em seus sonhos.

Donnach balançou sua cabeça.

—Isto não é bom.

—O que você quer dizer? Acasalamentos entre Faol e Éan farão nossa união como irmãos mais fácil.

—Então este é o motivo? Você decidiu se acasalar com uma Éan para ajudar nossa causa?
— seu companheiro de lutas Balmoral não soou nem um pouco impressionado pela ideia.

Bryant, por outro lado, pensou que isso tinha grande mérito, mesmo se seu lobo não estivesse tão atraído pela mulher.

Ele encolheu seus largos ombros.

—O coração vai aonde deve ir.

—Agora eu sei que você perdeu a cabeça. Que guerreiro diz coisas desse tipo?

Bryant riu, nem um pouco ofendido.

—Meu pai.

—Seu pai encontrou sua companheira verdadeira quando mal tinha virado homem. Suponho que ele não teve chance. — Donnach admitiu de má vontade.

—Aye.

—Bem, ele não é normal. Ele chama sua mãe de doce mel e todo o clã sabe que aquela mulher tem uma língua que poderia retirar a casca das árvores.

—Minha mãe é doce. — A sua maneira.

—Ela é uma adorável megera. — Donnach sabia, ele havia passado tanto tempo em sua casa enquanto cresciam, que a mãe de Bryant o chamava de seu terceiro filho.

—Isto ela é — concordou Bryant com orgulho.

—Não é à toa que você não acha Fionn desagradável. Você teve toda uma vida de experiência com a língua afiada de sua mãe.

Bryant bateu no ombro de seu amigo, mas não existia nenhuma raiva no gesto. Ele não se importou em discutir a natureza gentil de sua mãe. Donnach sabia que ela mascarava um coração mole por trás de palavras afiadas e ele não quis ofender.

E isso era verdade. Bryant não achou o ancião, Fionn, particularmente intratável. Ele era um homem velho ranzinza que claramente amava sua esposa, companheiro verdadeiro ou não, e sua única filha.

—Eles são águias — ele disse a Donnach.

—Huh. Eu me pergunto se eles conhecem Lais.

—Eu perguntei ao curandeiro ontem à noite sobre isto. Ele disse que Una o evitava como a um enxame de vespas e nenhum de seus pais fez muito esforço para se familiarizarem.

—Isto é estranho, não?

—Eu também achei.

—E então você perguntou a Lais o porquê, certo?

—Eu perguntei. Ele disse que algo aconteceu com Una e foi pelas mãos dos Faols Donegal. Seu pai acabou ferido ao ponto de não poder mais voar, mas ninguém fala sobre isso e Lais não sabe de quaisquer detalhes adicionais.

Bryant acreditava que o que quer que tenha acontecido havia transformado Una da mulher confiante de seus sonhos para a criatura tímida que ele conheceu na noite anterior.

—Isto não é promissor para seu romance iniciante.

—Por quê? Eu não sou um Donegal.

—Você é um lobo.

—Eles terão que aprender a aceitar isto. — O laço de um acasalamento sagrado não podia ser negado.

—Você acha que será tão simples?

Bryant encolheu os ombros.

—Eu acho. Se ela for minha companheira, ela aceitará meu lobo.

—Eu espero que você esteja certo. Ou errado sobre ela ser sua companheira. — O tom de Donnach era agourento.

—Meu lobo uiva pela chance de reivindicá-la, perfumá-la de forma que todos saibam que ela é nossa.

Donnach pareceu pensativo.

—Talvez ela seja sua companheira sagrada, mas é igualmente possível que este seja seu modo de construir uma ponte entre os Éans e os Faols.

—Independente do quanto eu queira as raças reunidas, eu não posso fingir um acasalamento sagrado.

Mas a expressão no rosto de Donnach dizia que ele não estava tão certo.

* * *

Já era quase hora do jantar quando Una desceu das árvores, voando em direção à cabana de seus pais em sua forma de águia.

A respiração de Bryant ficou presa pela beleza do pássaro. Ele tentou fazê-la se transformar para ele em seus não sonhos, mas ela se recusou.

Seu lobo soltou um latido de reconhecimento que ele não foi capaz de segurar. A águia mudou a direção de seu voo e foi na direção deles com um grasnido como resposta, mas então ela voou alto no céu.

—Lá se vai sua amada — Donnach provocou.

—Como você sabe que é ela? — Bryant estava certo da identidade do pássaro, mas seu lobo foi atraído pela metamorfa Éan com uma conexão primitiva que ele não fazia nenhuma questão de negar.

Porém, como seu amigo podia estar tão certo?

O outro soldado Balmoral revirou os olhos, sua expressão zombeteira.

—Ela é uma águia. Você me disse hoje cedo. Desde que chegamos vimos poucos deles em sua forma de pássaro. O fato de que ela estava voando em direção à cabana dos seus pais também foi uma dica, você não acha?

Bryant acenou, a atenção fixa na ave de rapina arremetendo-se pelo ar, vindo cada vez mais perto de sua cabana voando em forma de oito. Era como se ela fosse atraída para ele, mas não conseguia se aproximar... ou se afastar.

Ele queria que ela cedesse e viesse para ele, para mostrar ao seu lobo que ela reconhecia a conexão entre eles depois de negá-lo na noite passada.

Mas o pássaro continuou a voar. Talvez se Bryant desviasse a atenção dela, ela sentiria a confiança necessária para se aproximar.

Esta Una era tão diferente da que ele visitava enquanto dormia. Aquela Una o permitiu se aproximar sem cheirar a medo, ela até o deixou beijá-la.

Ele e Donnach já haviam terminado de preparar sua caça da manhã há bastante tempo. Eles agora estavam curtindo o couro de um cervo que Bryant abateu na semana anterior.

Bryant voltou para este serviço.

—Fazendo-se de difícil? — Donnach arreliou.

—Esperando que ela venha para mais perto se ela pensar que não a estamos observando.

—Você quer muito isto. — O outro soldado opinou com algo entre inveja e desgosto.

O som do bater de asas chegou justo antes de Una pousar sobre um galho que saia da parede da cabana. Todas as cabanas o tinham. Bryant não havia entendido para que serviam os galhos quando ele os notou. Agora sabia.

Os galhos serviam de poleiro para os Éan quando eles não queriam mudar para sua forma humana.

Sua águia pareceu interessada na pele e Bryant sorriu para ela.

—Isto fará um par adorável de botas, não?

Una inclinou a cabeça para um lado, então a abaixou como se olhando intencionalmente em seus pés descalços.

Ele encolheu os ombros. Como muitos Chrechtes entre os Balmoral, e alguns humanos também, ele preferia ficar sem calçado. Embora ele tivesse um par de botas para o inverno, cuidadosamente elaborada e bem ajustada, forrada com pele de coelho.

Um presente de seu pai que Bryant nem sonharia recusar a usar, entretanto ele só o fazia nos dias mais frios do ano.

O couro que ele curtia agora não era para ele mesmo, mas ele não achava que devia mencionar que pretendia usar isto como presente para cortejar a reticente mulher Éan.

—Você tem um pássaro bonito — ele elogiou. —Eu nunca vi uma águia tão bela.

Suas asas se abriram em toda sua envergadura e então se fecharam de volta contra seu corpo, mas até mesmo os olhos de seu pássaro refletiam a confusão da mulher por dentro. Ela não estava acostumada a receber elogios e isso era uma pena.

—Você não acha que um lobo pode achar uma águia bonita? — Donnach perguntou, surpreendendo Bryant.

Ele não havia considerado aquela possibilidade, mas ele seria o primeiro a admitir (mesmo que só para si) que seu cérebro não era a primeira coisa comprometida quando Una estava perto.

Até em sua forma de águia, seu odor chamava por seu lobo e pelo homem que queria reivindicá-la de forma irrevogável.

Ela balançou a cabeça para cima e para abaixo, confirmando o que Donnach disse.

—Então você está errada. Os Faols que acreditam nas leis e costumes dos antigos Chrechtes não veem nada além de beleza em um metamorfo como você — assegurou Bryant. — Minha família em particular está muito feliz que os Éans foram encontrados novamente.

Una fez um som interrogativo com sua garganta.

—A família de minha mãe passou as histórias de seus irmãos Éans por gerações. A avó de sua avó era um metamorfo corvo, filha de um que se transformava em dragão.

—Eu não sabia disto — Donnach disse.

—Nós não compartilhamos nossa herança fora de nossa família, porque a maioria dos Faols acreditavam que os Éans não passavam de um mito. Reivindicar a conexão com irmãos que misteriosamente desapareceram faria os outros nos chamar de excêntricos.

—Bem, seu pai não é um lobo comum — disse Donnach brincando.

Bryant socou o outro soldado com tanta força que ele deu um passo para trás. Os dois homens sorriram, nenhuma raiva entre eles, mas Una levantou voo.

—Fogo dos infernos — Bryant murmurou. —Ela se assusta tão facilmente.

—Ela é bastante tímida, para uma águia. Eles são pássaros predadores, mas ela age mais como uma pomba.

Bryant não podia discordar do amigo.

Donnach deu a ele um empurrão amigável antes de voltar para o curtimento do couro.

—Sua família ainda é excêntrica se diz ser relacionada a um dragão.

—Você acha? — Bryant perguntou evasivamente, sabendo muito bem que as antigas histórias eram verdadeiras.

E sendo verdadeiras, então havia a certeza de que outro dragão viveu ou ainda nasceria novamente entre os Éan. Eles eram os protetores de sua raça.

Mas talvez eles tivessem desaparecido como os *conriocht* havia entre os Faols. Nenhum dos protetores de cada raça havia nascido em muitas gerações, por isso, a maioria acreditava que o verdadeiro lobisomem com uma terceira forma não passava de mito.

—Você diz ser descendente da família real dos Éans? — Fionn exigiu no tom mais ranzinza que Bryant havia ouvido dele até agora enquanto ele mancava em direção aos soldados Balmorais, uma carranca mais feroz que a usual.

Será que a companheira de Bryant voou não por temê-lo, mas porque viu a aproximação de seu pai?

Ele podia ter esperança, não podia?

—Eu não disse tal coisa — falou Bryant.

—Você disse à minha filha, que deveria estar visitando sua mãe e eu, não os soldados Faols. — Ele disse em direção ao céu, onde o pássaro continuava a circular. —Que sua avó muitas gerações atrás era filha de um metamorfo dragão.

—Aye.

—Você é tão ignorante que você não percebe o que significa reivindicar ser descendente da linhagem real? — Fionn perguntou severamente.

—Talvez eu seja. Nossa família fez o melhor para preservar nossa história de geração em geração, mas em certo ponto acabou se tornando suficiente simplesmente ensinar nossas crianças que os Éans eram reais e nossa própria família.

Muito da história dos Chrechtes foi perdida por causa das divisões causadas por sua própria natureza bélica e a disputa secreta que alguns Faols dirigiam contra os Éans.

—Você não é um pássaro — declarou Fionn.

CAPÍTULO SETE

Una chegou, vestida como estava na noite anterior, e só então Bryant percebeu que ela havia desaparecido do céu. Ele envergonhou-se de ficar tão ocupado discutindo com seu pai, que nem notou sua partida.

Ela manteve uma leve distância, mas sua atenção estava tão claramente focada no que estava sendo dito, que ele não duvidava que sua curiosidade tivesse sido despertada. Seu lobo envaideceu-se ao pensar que sua companheira mostrava interesse por sua história.

Bryant falou com o ancião, mas deu um morno sorriso para sua águia.

—Eu nunca disse que era.

—Ainda assim você diz que tem um corvo real em seus antepassados. — A maneira que Fionn o encarou era semelhante à de Una.

—Eu não sabia que ser descendente de um dragão significava isto — Bryant reiterou.

Então, isso significava que se algum Éan era dragão, este seria o príncipe Eirik. Porém, se este fosse o caso, seguramente os Éans não continuariam se escondendo como fugitivos na floresta.

Um dragão podia arrasar aldeias inteiras e seria praticamente impossível matá-lo transformado.

Bryant focou no que ele sabia e Fionn podia aceitar isto como a verdade que era, ou não. Independentemente, era a história de sua família que ele queria compartilhar com Una. Talvez ela não o temesse tanto se ela percebesse o peso passado em suas ações do presente.

—O último pássaro metamorfo nascido em minha família foi a irmã da minha avó. Ela era corvo e tão bonita que muitos Faols e humanos em nosso clã competiram por sua mão para acasalar.

—O que aconteceu a ela? — Fionn perguntou com um tom que disse que ele sabia que não tinha acabado bem.

O ancião estava certo, mas não por causa de algo que algum lobo houvesse feito. A menos que contasse um homem engravidando sua esposa amada como um pecado contra ela.

—Ela morreu no parto.

A expressão de Fionn suavizou ligeiramente.

—E a criança?

—Transformou-se em lobo como seu pai.

—Se fosse corvo, então os lobos de seu clã saberiam de nossa existência antes disto. E o príncipe Eirik dizia que a maior parte dos Faols são completamente ignorantes de nossa existência.

—Os Balmorais sempre acreditaram nas antigas histórias e usam os costumes dos antigos Chrechtes com mais dedicação que outros clãs.

—E?

—Cada pássaro metamorfos em nossa família manteve sua natureza em segredo, entretanto o motivo disto é outro conhecimento perdido com o passar do tempo.

—Então, seu clã não sabia nada de sua herança.

—Alguns sabiam, mas a maioria não.

—E seu marido.

—Sabia e amava seu corvo. Por que não o faria? Eles eram companheiros sagrados.

—Bah... de novo com companheiros sagrados. Você fala como se esse milagre acontecesse para todo Chrechte, mas isto não podia estar mais longe de ser verdade. — Fionn fixou seu olhar em Bryant. —E ele não é a cura para todo o mal que você parece pensar que é. Nem tudo é bem feito e correto simplesmente porque os animais de duas pessoas têm um desejo ardente pelo outro.

Era muito mais que isto, mas Bryant sabia por experiência que com o mau humor crônico do homem, que havia pouco propósito em reclamar com Fionn de sua grosseira minimização.

Bryant preferiu enfocar na última parte da declaração do homem.

—Talvez se nós Chrechtes fossemos melhores em procurar por companheiros fora de nosso círculo imediato, nós acharíamos nossos laços verdadeiros mais frequentemente.

—Humph.

—É verdade. — Donnach colocou o couro de lado e começou a limpar suas mãos no balde de água ao lado da porta. —Nosso próprio laird é acasalado com uma inglesa.

—Ela era inglesa — Bryant enfatizou. —E eu disse a Fionn sobre Lachlan e Emily ontem à noite.

—Então, um homem acasalou com uma humana. — Fionn fez um gesto de desdém com sua mão. —O que isso prova?

—A irmã de nossa senhora, Abigail, também é a companheira verdadeira do laird dos Sinclairs. Seu ferreiro compartilha um laço sagrado com uma irmã do segundo em comando de nosso laird. E o segundo no comando de Lachlan é acasalado com a irmã do Sinclair. — Bryant listou os laços sagrados que ele conhecia por tê-los testemunhado nos últimos anos.

—Humph.

Bryant ia reclamar daquela expressão evasiva, mas a expressão de interesse nos agudos olhos castanhos de Una era suficiente para mantê-lo falando.

—Caso eles não tivessem procurado fora de seus clãs, e de seus bandos, nenhum destes Chrechtes teriam achado seus companheiros verdadeiros. — O ancião não podia ver o que isto provava? E a quem o lobo de Bryant queria acasalar? —Os Chrechtes não foram feitos para viverem separados, mas sim para viverem uns com os outros e com os humanos.

—Este não é o modo antigo — reclamou Fionn com ares de um homem que havia feito um ponto inquestionável.

—Quem disse? Nós perdemos muitos dos costumes antigos, independente do quanto tentamos mantê-los.

—Este não é o jeito dos Highlanders também.

Bryant não podia discutir aquele ponto. Os clãs se mantinham isolados, desenvolvendo ligações com poucos outros com propósitos de comércio e de guerrear. Mas ele sabia que estava certo.

—Se nosso povo quer achar seus companheiros verdadeiros, eles devem ser abertos a acasalar fora de seu bando — ele reiterou.

—Um homem não precisa de seu companheiro verdadeiro para viver uma vida abençoada pelo Criador.

Bryant abriu a boca para discutir, mas percebeu que fazendo isso poderia denegrir a vida do homem que ele esperava fazer seu sogro. Ele manteve a boca fechada.

—Aye, o que você diz é verdade, mas se quisermos seguir para o futuro, nós devemos ter

mais crianças — colocou Donnach. — Muitos acasalamientos não são abençoados com crianças.

Foi a vez de Fionn abrir a boca e então fechá-la sem dizer uma palavra. Pois as palavras de Donnach eram verdade também.

Enquanto os clãs ao redor deles cresciam, o número Chrechte flutuava, mas não aumentava. Alguns bandos havia inegavelmente encolhido. Existiam rumores que um bando ao sul cresceu para números sem precedentes, mas ninguém podia confirmar o real tamanho da matilha MacLeod, nem isso e nem de seu clã.

— Deve haver mais crianças entre os Éans que os Faols. — Fionn disse desagradavelmente.

Bryant não acreditava nele e pelo modo que Una sacudiu a cabeça ela também negava as palavras.

— Seus números não são tão grandes.

— Porque nós perdemos nossos irmãos todos os anos para os assassinos Faols.

— E todos nós perdemos por guerrear.

— Nós não estamos em guerra com os Faols.

— Eu estou contente por ouvir você dizer isto — disse Bryant com um sorriso.

Fionn colocou um sorriso em sua carranca habitual.

— Vocês ainda estão em guerra conosco e têm sido por geração atrás de geração.

— Nós não estamos em guerra, mas existem assassinos entre nós. Eu não vou negar.

— Você dificilmente poderia se quiser dizer a verdade.

— Mas nem todos os lobos estão cheios com o ódio que impulsiona estes homens.

— Se é o que você diz.

— É o que eu digo desde que eu sou um dos Faols que morreria para proteger os Éans. —

Bryant foi criado acreditando que era seu dever de alguma maneira devolver seus irmãos emplumados ao grupo Chrechte.

A descoberta da tribo dos Éans foi a confirmação que ele e sua família precisavam que o tempo para fazer isso havia chegado.

— Nem eu, nem quaisquer dos soldados que viajaram aqui comigo, matariam nossos irmãos Chrectes apenas porque sua forma animal é diferente da nossa.

— Se isto é verdade, vocês são a exceção.

— Nay. Estes vilões que trabalham em segredo para destruir, eles são a anomalia entre os Faols.

— Você quer me fazer acreditar que sua natureza não é violenta? — Fionn zombou olhando a pele do cervo que Bryant continuava a trabalhar.

— Nós somos predadores. Nós caçamos. Como faz o seu povo, mas nós caçamos com um propósito, não como esporte.

— O propósito dos Faols é verem os Éans erradicados.

— Nay! — a boa natureza habitual de Bryant sumiu e o guerreiro nele veio à tona. — Você faz uma acusação do que não conhece e sem justa causa.

— Você ousa dizer que eu não tenho justa causa? — a fúria de Fionn queimou como o fogo de um raio na floresta mais seca do verão.

A bengala do idoso subiu com velocidade, e se Bryant não tivesse se movido, teria atingido sua cabeça ao invés de seu ombro. Ele não saiu completamente do caminho, porque ele foi ensinado por seu pai a sempre preservar a dignidade de seus anciões.

—Papa... — o tom suave e horrorizado de Una interrompeu, seus olhos cheios de medo enquanto ela ficava entre Bryant e Fionn. —Você não deve!

Bryant colocou uma mão na curva de seu pequeno e feminino ombro.

—Deixe-o dar seu recado. Se não o fizer, isto só continuará a apodrecer.

Una virou para ele, sua expressão ainda marcada pelo medo, mas preenchida em uma maior proporção com incredulidade.

—Você não acha que ele já deu o recado? Quando ele brigou contra o lobo, contra o que aconteceu com ele por minha causa?

—Filha... não foi sua culpa. Minha perda está nas mãos dos Faols maus, que machucaram você tão gravemente. — A falha na voz do velho guerreiro era dura de ouvir.

—E é contra um Faol que você precisa brigar — Bryant reiterou. —Então, brigue, ancião.

Como a pancada em seu ombro, Bryant poderia suportar facilmente.

—Ancião? Quem você está chamando de velho? — Fionn exigiu genuinamente afrontado.

Bryant deteve seu humor com esforço, mas conseguiu.

—Você diz ter uma causa justa para tingir todo lobo com a mesma tina borbulhante de ácido. Então, deixe-me ouvi-lo.

—Seu povo pegou minha filha. Eles fizeram coisas terríveis com ela. Ela não tem sido a mesma desde que nós conseguimos trazê-la de volta. Seu espírito se quebrou.

Una ficou lá, seu rosto se enchendo de cor, sua expressão continha partes iguais de embaraço horrorizado e a lembrança da dor. Mas em seus olhos?

Naquele bonito olhar castanho, Bryant não viu nada além de raiva. Raiva dos Faols? Raiva de seu pai? Raiva de Bryant? Ele não sabia, mas não era a luz apagada de um espírito quebrado.

—Ela não parece quebrada para mim. — Donnach observou, concordando com pensamentos privados de Bryant.

Bryant mostrou seu sorriso desta vez.

—Nay, eu diria que ela mais aparece uma mulher pronta para quebrar algo. Eu já vi esse olhar vezes suficientes no semblante de minha mãe para conhecê-lo bem.

—Eu não sou... eu não poderia... — Una usava um tom estrangulado e parecia não poder expressar um pensamento completo.

—O que é isto, filha? — Fionn perguntou aparentando não perceber o quão furiosa a mulher perante ele ficou com suas palavras.

—Meus negócios privados são meus. — Ela finalmente disse em um tom mortal, todos os sinais de sua timidez escondidos em baixo do calor de sua ofensa.

—Aye, é. — Fionn concordou facilmente surpreendendo Bryant.

Una, por sua vez, não parecia muito satisfeita.

—Então você não devia ter exposto isso.

—Aye, mas este tolo pode ver o que seus irmãos fizeram para mim com seus próprios olhos, e ainda assim ele nega isto.

—Eu não nego nenhuma verdade, mas suas palavras estão erradas. — Bryant raramente contradizia seus anciões. Seus pais o ensinaram bem, mas isto ele não toleraria.

—Estes homens que machucam você e a mulher que meu lobo anseia, eles não são mais meus irmãos da mesma forma que não são seus. Todos Chrehtes são irmãos em espírito, mas no fim cada homem ficará só perante o criador para ter suas ações julgadas.

—Você é um tolo.

Bryant irritou-se com o descarado insulto.

—Eu sou um guerreiro que gostaria de ver a divisão entre os Éans e os Faols ter um fim.

—E então ver o verdadeiro fim dos Éans. Este é seu plano, não é? — a acusação no tom de Fionn fez a dúvida faiscar no olhar de sua filha.

—Não. — Bryant estava muito frustrado. —Falar com você é o mesmo que conversar com uma pedra.

A respiração de Una escapou com um som chocado de diversão, seu medo completamente suspenso pela primeira vez naquele dia.

Quando os três homens voltaram sua atenção para Una, ela corou e então encolheu seus ombros.

—É só que minha mãe frequentemente disse o mesmo.

—Humph.

—Esta é sua resposta quando você não tem palavras para negar? — Bryant perguntou o humor atado ao aborrecimento pelo homem mais velho.

Novamente ouviram aquele doce e inesperado som de Una. Entretanto ela meramente sacudiu a cabeça quando Bryant deu a ela um olhar interrogativo.

Ela o encantou totalmente.

E ele a apavorou.

Se ele a reivindicasse, a apresentaria para seu lobo, então ela saberia que tudo poderia ficar bem entre eles. Que ele nunca a machucaria como os lobos Donegal fizeram.

Una deve ter percebido algo do calor que faiscou nele com o pensamento, porque ela corou e liberou um odor que não era nada parecido com o picante de medo que ele geralmente sentia vindo dela.

—Mòrag gostaria de ter você e este aí se juntando a nós para o jantar. Ela deseja conhecer mais da história de sua família. — Fionn disse, com um olhar preocupado para sua filha, antes de indicar ambos, Bryant e Donnach com um varrer de sua bengala, quando o silêncio se estendeu por um longo momento.

Donnach olhou para o irritável Éan com incredulidade.

—Isto foi sua tentativa de nos convidar para jantar?

—Vocês vêm, ou não? — Fionn exigiu.

Bryant encontrou os adoráveis olhos de Una quando ele respondeu ao seu pai.

—Nós ficaríamos encantados.

—Fale por si mesmo. — Donnach murmurou baixo o suficiente para que só um lobo pudesse ouvir.

Ou um velho homem muito intratável, se a nova encarada que Fionn deu ao outro lobo Balmoral servia de indício.

CAPÍTULO OITO

Una esvoaçou como um beija-flor ao redor da cabana de seus pais, ajudando sua mãe com os preparativos finais para o jantar.

Um dos benefícios da aldeia no solo era que a família podia cozinhar em sua própria casa sem se preocupar que o fogo se propagasse.

Una não podia acreditar que sua mãe convidou os lobos para comerem com eles, mas parte dela estava intensamente feliz por Mòrag tê-lo feito. Una ficou terrivelmente desapontada quando não foi levada para a terra espiritual para se encontrar com Bryant na noite passada.

Mas talvez fosse porque ela mal dormiu pensando nele. Ela havia passado o dia devaneando sobre o impossível e finalmente voado para fora da copa da árvore para sua prometida visita a seus pais só para encontrar sua águia inexoravelmente atraída para o lobo.

—Por que você convidou os soldados Balmorais? O papai não está feliz com isto.

—Bah. Seu pai passa metade da vida reclamando de uma coisa ou de outra. Eu sei como lidar com ele. — Mòrag mexeu a panela de guisado, adicionando um galho de alecrim. —Como eu disse ao seu pai, eu quero ouvir mais sobre a família do rapaz Bryant.

—Mas por quê? — Una não podia entender a curiosidade de sua mãe sobre um lobo.

A sua própria era baseada em algum desejo obscuro dentro da águia de Una, mas sua mãe? Ela não devia ter nenhuma razão para querer saber mais sobre qualquer Faol.

—Porque ele olha para você como um homem com intenção de reivindicá-la como companheira.

—O que? — Una praticamente gritou. —Eu não sou sua companheira. Eu sou uma águia. Ele é um lobo. Nós não somos companheiros.

Independente de como ele listou várias improváveis uniões sagradas para seu pai.

—Que seja. — Mòrag concordou muito facilmente e com tal calma aceitação que Una soube que era falsa.

—Você está conspirando.

Sua mãe continuou a mexer o guisado que não precisava de mais nenhum cuidado, fingindo que ela não ouviu.

—Eu sei que é uma decepção para você e para o papai. — Como tantas outras coisas sobre sua única filha. —Mas eu nunca acasalarei mamãe. Eu não posso. Não depois do que aconteceu cinco anos atrás.

—Tolice. — Mòrag puxou os tijolos da abertura do forno e cuidadosamente retirou a forma com dois pães pretos e pesados de dentro.

Eles cheiravam tão bem, que o estômago de Una teria rosnado se ele não estivesse firmemente amarrado em nós pelas palavras de sua mãe.

—Não é tolice. Seguramente você notou a distância que os homens de nossa tribo mantêm de mim. Eu sou considerada uma má escolha para um companheiro.

—Que asneira. — Sua mãe pousou a forma de pão com mais força que o necessário. — Você seria uma boa companheira, mas nossos homens mantêm-se afastados porque você deixou claro que qualquer homem, além de seu pai, que chegar a dez passos de você, você entra em pânico como um coelho no covil de lobos.

Engraçado que sua mãe colocasse daquele modo, pois era exatamente como Una havia se

sentido cinco anos atrás.

Mòrag suspirou, olhando para Una com tristeza.

— Eles sabem que você os teme, então se mantêm afastados.

— Eu não tomarei um companheiro, eu não posso. — Una não conseguia pensar num modo de dizer isto para sua amada mãe. — Eu não mereço um companheiro — ela admitiu.

— Sim, você merece. Oh, minha mais querida filha... — Mòrag deixou o pão para puxar Una em um abraço.

— Eu sou sua única filha.

— E ainda assim, a mais querida em meu coração.

— Mama... — ela disse, usando o diminutivo que ela havia parado de dizer naqueles anos passados, e por uma vez não fazendo nenhum esforço para rejeitar o afeto oferecido.

— Você merece um bom companheiro forte como seu pai foi para mim, e filhos. — Mòrag abraçou mais apertado. — Oh, eu espero que você tenha muitos, muitos filhos. Eu vou ser uma ótima avó.

— Mãe... — Una começou, sem saber como terminar a frase para a outra mulher.

— Nada, a não ser um laço sagrado poderá afastá-la de seu medo, eu sei disto, criança.

— Então, você entende? — Una pressionou enquanto suavemente se soltava, precisando que sua mãe aceitasse a verdade.

— Oh, sim, filha. Eu entendo. E você entende?

Una não teve nenhuma chance para responder, pois seu pai entrava naquele momento, os dois soldados Balmoral atrás dele.

Ambos saudaram sua mãe com gratidão pelo convite, e adequado respeito Chrechte.

Mas a atenção de Bryant estava em Una desde o momento que ele entrou na cabana, os olhos cinzentos tempestade de seu lobo fixos nela para onde quer que ela se movesse.

De alguma maneira, Una acabou acomodada ao lado de Bryant no chão próximo à única mesa pequena que a cabana ostentava, enquanto seus pais tomaram o banco e Donnach se sentou no único tamborete de três pernas em frente a eles. Era um ajuntamento confortável, não diferente daqueles no passado de Una.

A emoção bloqueou sua garganta, fazendo que fosse difícil comer e impossível conversar.

O calor do lobo Balmoral cruzou o espaço entre eles, aquecendo Una em lugares estranhos, para ser exata.

— Una disse que você falou a ela, quando ela visitou você em sua forma de águia, que você tem família entre os Éans.

Una não sabia por que sua mãe tinha que fazer sua visita em forma de águia para Bryant soar tão... significativa. Ela o achou fascinante, mas se sentiu mais segura como um pássaro porque ela podia voar para longe se ela precisasse. Este era o motivo.

— Em gerações passadas, sim.

Embora ela houvesse estado lá pela maior parte de sua explicação anterior, Una escutou com fascinação extasiada enquanto Bryant recontou para sua mãe o que ele havia dito para seu pai mais cedo.

— Então, você é aparentado com o príncipe Eirik e Anya Gra. Você falou sobre isso com eles?

— Eu não havia percebido o significado da história de minha família até Fionn apontar para

esse fato.

—Muito das histórias de sua família pode ter se perdido de uma geração para a outra. Você perdeu parte história, da mesma maneira que todos nós fizemos. — Mòrag falou com triste resignação. —Esta é a verdade e é por isso que os Chrechte são encarregados de atribuir partes de sua história para cada família e para que sejam compartilhadas em todas as grandes festas.

—Os Faol não praticam isto.

O pai de Una sorveu ruidosamente sua comida.

—Claramente, ou todos os lobos saberiam da existência dos Éans, não só aqueles que nos querem mortos.

—Nosso alfa quer as raças reunidas por este motivo — Bryant disse.

O fervor da verdadeira convicção estava infundido em sua voz, e Una se pegou imaginando quanto de seu interesse estava nela pessoalmente e quanto estava em reconectar seu povo. Por um acasalamento?

Se este era seu plano, ele faria melhor se procurasse por um alvo mais fácil. Sua águia gritou em negação ao pensamento, mas Una ignorou seu pássaro.

—Ele planeja vir morar na floresta, não é? — o pai de Una perguntou agressivamente.

Mas Bryant não mordeu a isca. Ele meramente pegou um bocado de seu guisado e elogiou a comida da mãe de Una.

—Eu ensinei a Una tudo que sei sobre cozinhar. — Sua mãe disse em resposta, sem nenhum propósito, Una pensou. —Não que ela tenha muito uso para seu conhecimento vivendo sozinha como ela faz em nossa antiga casa.

—Por que ela vive sozinha? — Donnach perguntou. —Uma filha Balmoral nunca teria permissão para viver por conta própria como Una faz.

—Ela está mais segura no alto das árvores do que ela estaria aqui na aldeia conosco. — Seu pai disse, verbalizando um sentimento que ela conhecia bem.

E concordava com isso.

—Seguramente outras famílias mantêm suas crianças com eles — Bryant soou confuso.

—Caso Una tivesse ficado nas árvores, o horror de cinco anos atrás nunca teria acontecido. Una sentiu o peso horrível em seu estômago que aquela verdade sempre trazia.

Bryant parecia longe de estar impressionado, ou convencido.

—Se sair das árvores causasse tal sofrimento, sua aldeia inteira teria histórias de horror.

—Eles sabem que não devem se aventurar para as profundezas da floresta.

—Você foi explorar? — Bryant perguntou a ela diretamente.

Ela gostou do modo que ele se recusou a falar sobre ela perto dela. Como o calor de seu lobo ao seu lado, isso a aqueceu.

—Eu achava os humanos dos clãs e suas maneiras infinitamente fascinantes. Eu gostava de observá-los em minha forma de águia.

Una odiava admitir suas falhas em voz alta, mas ela não as negaria, também. Não importa o quanto ela gostaria disto.

—Mas você não foi pega como águia. — Bryant adivinhou com muita astúcia.

—Não. — Ela estava em sua forma humana, nadando no lago e brincando nas quedas d'água que o alimentavam, como ela viu as crianças do clã fazendo.

—O que aconteceu? Por que você não se transformou e voou para longe?

Una esfregou seus pulsos onde as estacas de ferro tinham sido usadas para prendê-la na árvore.

Bryant reparou no pequeno gesto e esticou a mão.

—Eu posso ver?

Ela devia dizer não, absolutamente não, como ela teria se qualquer outro pedisse. Mas Una se viu oferecendo seus pulsos.

Ele arrastou para cima as mangas da blusa, um rosnado ecoando na cabana silenciosa quando seus olhos viram as cicatrizes que não podiam ser mal interpretadas.

—Eles fizeram isto em você?

—Eles acharam divertido me machucar e apavorar. — Ela admitiu, sem entender por que o fazia. Só sabia que sua águia insistia nisto.

Bryant ergueu a cabeça, seu olhar cinzento perfurando seu pai.

—E você os matou?

—Aqueles que pegamos, nós matamos, mas não facilmente e nem sem custo.

—Era quase uma dúzia deles. Eles fizeram algum estranho ritual, não era Chrechte, eu acho.

—Alguma mulher? — Donnach perguntou, sua voz cheia de asco.

—Não. Só homens. Um deles estava sendo iniciado no grupo. Ele colocou as estacas, para provar seu compromisso com sua causa.

—Ele não está morto. — Seu pai disse com frustrado veneno. —Mas eu não estive em condição de caçá-lo.

—Você ainda reconheceria seu odor? — Bryant perguntou em um tom que a fez ter calafrios.

—Nós não somos lobos, nossa noção de cheiro e audição é ligeiramente melhor a dos humanos.

—Você o reconheceria.

— Sim — Una disse com certeza. —Entretanto é meu desejo mais profundo nunca colocar os olhos nele novamente.

—Descreva-o.

—Por quê? — Una perguntou, incapaz de entender por que ele pediria tal coisa para ela.

—Para que eu possa encontrá-lo e matá-lo.

—O que? Não!

—Ele era Donegal. — Donnach adivinhou.

—Eles não vestiam plaids. Eu não sei se todos os homens eram do mesmo clã, entretanto alguns eram. Eu os vi entre os Donegals antes disto. — Ela admitiu em voz baixa.

Una não entendeu como ela acabou sendo puxada para o colo de Bryant e ficou até mais chocada quando nenhum de seus pais fez objeção.

—Descreva este miserável para mim. — Bryant pediu, seu peito retumbando com grunhido do lobo.

Isto deveria tê-la assustado, mas pela primeira vez em cinco anos, Una se sentiu verdadeiramente segura. Era um enigma que ela não tinha esperança de decifrar, mas ficou agradecida de qualquer jeito.

Ter alguns momentos sem medo seria realmente uma bênção. Se o custo era descrever os

homens que a machucaram, aqueles que os membros de seu clã ainda não haviam matado... então era um preço que ela pagaria.

Mais tarde, Bryant insistiu que sua mãe acompanhasse Una de volta para as copas das árvores para que ela estivesse segura em sua casa. Ela queria sua companhia, não a de sua mãe, mas nenhuma palavra saiu de seus lábios para pedir a ele.

CAPÍTULO NOVE

Una não viu Bryant por cinco dias depois do jantar com seus pais. Não de noite, enquanto dormia. Não a cada tarde quando ela descia para visitar sua mãe na aldeia. Ela não viu o outro Balmoral, Donnach, também.

No segundo dia, ela perguntou de passagem se sua mãe tinha visto Bryant, mas Mòrag não ouviu a pergunta. E Una estava tão embaraçada por perguntar que não quis ficar repetindo as palavras.

Ela notou que seu pai estava reclamando menos de seu desgosto pelos soldados Faols viverem na aldeia, mas ele não mencionou Bryant pelo nome.

No terceiro dia, a águia de Una ficou inquieta o suficiente para ela repetir a pergunta para sua mãe, mas recebeu um simples “eu não sei” como resposta.

Nada útil.

Dada a habitual hesitação de Una em situações sociais, a surpresa de sua mãe podia ser perdoada quando Una sugeriu que eles visitassem uma das famílias que hospedavam outro guerreiro Faol, este do clã Sinclair.

—Eu não sabia que você era próxima da filha da casa.

—Nós somos da mesma idade — disse Una evasivamente.

Na verdade, Una fez pouco para manter qualquer amizade de infância nos últimos cinco anos. E pela primeira vez, sentiu remorso disto.

A visita se provou completamente infrutífera em descobrir o paradeiro dos soldados Balmorais, mas Una apreciou conectar-se com sua antiga amiga íntima.

Ela também estava bastante orgulhosa de sua reação com o soldado Sinclair. Desde que ele ficasse do outro lado do quarto, seu medo permaneceu controlável e nenhum ataque de pânico ocorreu.

No quarto dia, ela estava desesperada o suficiente para perguntar a seu pai se ele havia visto os soldados.

—Eles foram caçar — ele respondeu.

Ela devia ter considerado aquela possibilidade. Mesmo assim...

—Os lobos não são muito bons na caça? Eu não achei que ele ficaria fora por tanto tempo.

—Depende da presa que eles estão caçando. — Quando seu pai não seguiu aquela declaração com uma crítica mordaz sobre como os Faols caçavam os Éans, Una ficou confusa e surpresa.

O quinto dia não mostrou sinal do retorno dos homens mais que o primeiro dia. Ela retornou para sua casa na árvore bastante tarde, esperando que se ela ficasse na aldeia com seus pais, poderia estar lá quando os homens retornassem de sua caça.

Mas sua mãe a enviou para casa depois que o sol se pôs, dizendo que ela e seu pai eram pessoas velhas e precisavam descansar.

Una mal notou o ressentimento de seu pai de ser mais uma vez chamado de velho, e voou até sua casa na copa da árvore, determinada a procurar seu príncipe no dia seguinte e perguntar a ele sobre o paradeiro dos dois soldados.

Seguramente era sua responsabilidade saber, pois ele era responsável por seu comportamento enquanto estavam entre os Éans.

Ela se aprontou para dormir, escovando o cabelo com movimentos inconstantes, com uma pequena esperança de que hoje à noite ela iria novamente para o reino espiritual.

Um som como patas arranhando o chão veio do outro cômodo e Una congelou seus movimentos. Enquanto o barulho possivelmente não era o que seus sentidos estavam dizendo a ela que era, definitivamente não era o som de galhos sussurrando ao vento, também.

Ela sabia cada nuance daquela música com grande maestria, pois ela passou toda sua vida ouvindo-a.

A vela ao lado de sua cama deixava o quarto em que ela dormia com uma fraca luz dourada, mas não havia dúvida na forma da sombra na entrada.

Lobo.

Ela soltou a escova em choque... mas não medo. Ela estava certa de que se ela o visse em sua outra forma, ela ficaria apavorada.

Mas naquele momento, Una percebeu não era o lobo que ela temia. Era o mal nos corações dos homens que permitiriam que eles fizessem com ela o que as pessoas que a pegaram fizeram.

Ele ganiu para ela, como se pedindo permissão para entrar.

Ela respirou fundo e soltou o ar, bateu levemente no lugar nas peles ao lado dela.

—Eles não eram lobos quando me machucaram.

Ela sabia que soava como se tivesse acabado de perceber isso, mas então... era verdade. Todo esse tempo, ela teve tanto medo. Dos Faols que caçavam seu povo. Dos guerreiros em sua própria tribo. De homens.

Mas ela não tinha motivos para temer o lobo.

Ela sabia disso no mais profundo de seu ser.

Ele entrou lentamente, como se não quisesse assustá-la. Ela esperou segurando a respiração enquanto ele chegava mais perto.

Ele ficou nas peles ao lado dela e ela soltou a respiração em um longo suspiro.

—Minha águia está certa de que você é meu protetor.

Ele movimentou sua cabeça canina e então se aninhou em seu colo.

Ela experimentou passar os dedos pela pele macia do lobo.

—Você é uma criatura bonita.

Eles não precisavam de palavras, ela podia ver a satisfação que suas palavras causaram a Bryant e a seu lobo.

—Eu tinha medo de ver você assim, mas nada em seu lobo me assusta.

Ele bufou e a aninhou novamente, mais vigorosamente, quase a derrubando para trás.

Ela se achou dando uma risadinha, um som que ela não ouvia de si mesma há um longo tempo, e isso a fez ficar momentaneamente imobilizada.

Ele se mudou de posição para que sua cabeça esfregasse em seu pescoço e ela deu uma risadinha novamente. Ela via estrelas.

Ela sentia muitas cócegas.

—Eu esqueci. — Ela sussurrou em sua juba

Ele fez um som lamentoso de pergunta.

—Que eu sou coceguenta.

Aquele bufar veio novamente e então ele estava esfregando o outro lado de seu pescoço e

finalmente ela soube o que ele estava fazendo.

—Você está me perfumando.

Não era como se ele pudesse responder em sua forma atual, mas seus cuidados aumentaram, seu lobo roçando todo pedaço de pele exposta que ela tinha.

Seu pescoço, seu rosto, suas mãos, seus pés e então ele estava tentando levantar seu vestido.

Ela se afastou.

—Pare. O que você está fazendo?

Ele fez um som lamentoso novamente, desta vez mais melancólico.

—Eu não tirarei meu vestido. — Ela assegurou ao lobo.

Ele pegou a bainha com seus dentes e puxou, sua intenção clara.

—Pare com isto. Você vai rasgar.

O lobo não parecia se importar, puxando mais forte o tecido.

—Você está muito adiantado. — Ela acusou e então percebeu como soava ridícula.

Dizendo a um lobo, entre todas as coisas, que estava muito adiantado.

Oh, ela sabia que como qualquer outro Chrechte, Bryant era completamente ciente como um lobo. Mas ela também sabia que como ela mesma, quando em sua forma de animal, a maior parte era comandada por seus instintos animais.

—Você não pode querer me perfumar por toda parte — ela disse, mas ela estava com muito medo que ele quisesse.

Sua única resposta foi puxar com mais força a bainha de seu vestido. O som de tecido rasgando encheu o ar.

Ela reclamou.

—Tudo bem. Você pode, por favor, parar? Eu o tirarei.

Ele parou de puxar, mas não soltou o vestido.

—Eu prometo — ela disse, incapaz de acreditar em suas próprias palavras, ainda mais na genuína intenção por trás delas.

Ela iria permitir que o lobo a perfumasse. A necessidade dele de fazer isso era tão forte, que ela não podia negar.

Ela não entendia, mas ela havia sentido a falta dele nestes últimos cinco dias e temia nunca mais vê-lo novamente.

A dor para estar próxima a ele fez sua águia constantemente lutar para dominar... ela queria subir ao céu para procurá-lo.

Ela não teve nenhum pensamento de voar além das partes mais profundas da floresta em cinco anos.

Bryant largou seu vestido e ela o tirou pela cabeça, mas levantou sua mão para evitar que ele se aproximasse mais.

—Depois que você me perfumar, você se transformará. Nós iremos conversar.

Ele deu um latido curto de consentimento e ela abaixou a mão.

Ele marcou seu corpo com seu odor, fazendo-a rir mais de uma vez enquanto ela descobria mais lugares com cócegas do que ela sabia que tinha.

Finalmente, o lobo pareceu satisfeito e deitou ao lado dela nas peles, um estranho ressoar muito parecido com um ronronar, mas não era, vinha do fundo de seu peito.

Talvez ele pudesse ser descrito como um grunhido feliz?

Indiferentemente, estava mais que evidente que a besta estava satisfeita.

Ela o deixou relaxar em sua satisfação por longos minutos antes de lembrá-lo que ele precisava mudar.

Ele deu outro latido de aquiescência e ela virou de costas para dar a ele privacidade.

—Você não me teme mais — ele disse, mostrando a ela que já tinha se transformado.

Ela virou para encará-lo, curiosamente sem se envergonhar por sua nudez.

—Não existe nada para temer em você.

Ele era o único homem que ela veria deste modo. Disso tinha certeza.

—Alguns têm motivos para refutar essa declaração.

—Sem dúvida, mas não sou eles.

—Não, eles não são você.

Ela engoliu, achando difícil formar as palavras que queria dizer, mas ela as forçou.

—Eu senti sua falta.

—E isto te surpreende? — ele não soou feliz pelo prospecto.

—Sim.

—Por quê?

—Eu não te conheço.

—Você me conhece muito bem.

—Mas...

—Nos sonhos que compartilhados...

—Eles não eram sonhos, eu expliquei quando estávamos juntos na terra dos espíritos Chrechte.

—Chame-os de sonho, ou um lugar diferente que nosso espírito vai, mas nós compartilhamos nosso tempo lá, aye?

—Sim.

—Você permitiu que eu beijasse você.

—Eu tenho uma coragem lá que eu normalmente não aprecio.

—Você tem uma sensação de segurança lá que você não sente quando está acordada.

—Eu me senti segura quando você me segurou na cabana dos meus pais.

—Isto é bom saber.

—É? Por quê?

—Você sabe.

Ela agitou a cabeça, até mesmo quando sua águia sussurrou uma palavra que ela tinha certeza que o pássaro nunca articularia. Companheiro.

—Diga-me Una, quem compartilha sonhos entre nosso povo?

—Nosso povo? — ela perguntou.

—Sim, nosso povo. Nós somos todos Chrechte. Você é uma águia. Eu sou um lobo marrom. Outros em meu clã são brancos, cinzentos e pretos... alguns com diferentes dons simplesmente por causa da cor de seu pelo. Em sua própria tribo vocês têm corvos e águias.

—E falcões. — Entretanto seu número era ainda menor que o das águias, pois ambos os protetores de seu povo foram caçados até quase a extinção.

—Eu não sabia.

—Eles são tão poucos, que nós protegemos seus números nunca os expondo, até para os humanos em nossa tribo.

—É uma forma dura de viver.

Ela concordou com a cabeça. Sem poder negar a verdade.

—Mas às vezes até uma vida muito difícil vem com bênçãos.

—Muitas vezes, sim.

—Como achar seu companheiro verdadeiro. — A expressão no olhar do lobo cheio de significado.

Una agitou a cabeça, não tanto em negação como incompreensão.

—Una, querida... — ele moveu adiante até o calor de seu corpo chamar pelo dela. —O que quer dizer quando dois Chrehtes compartilham seus sonhos?

Ela abriu a boca para dizer a ele que eles não sonharam.

Mas ele colocou os dedos em seus lábios.

—Ou são chamados juntos na terra dos espíritos?

—Eu não sei — ela sussurrou. —Só aqueles de sangue real, ou que são chamados para uma tarefa podem visitar o plano espiritual.

Ele era um descendente real, mas isso não explicava ela estar lá com ele. E em cada estada, ela só viu outra pessoa na primeira vez.

—Ou companheiros sagrados.

—Não pode ser.

—É.

—Mas... — ela iria discutir que ela tinha medo dele, que eles não podiam ser companheiros porque ela não poderia compartilhar intimidade com ele.

Só que seria uma mentira. Una não sentia mais nem um pinga de ansiedade na presença de Bryant.

—Eles não me violaram — ela disse calmamente, não estava certa de que ele ouviria.

—Eles torturaram você.

—Eu tenho cicatrizes. — Apagadas em cinco anos, mas ainda lá.

—Eu não vejo nada além de marcas de força e coragem em um corpo bonito.

—Eu...

—Você pertence a mim. Comigo. Agora e sempre.

—Eu não posso.

—Você pode.

Seu olhar levantou para encontrar o dele.

—Um lobo pode amar uma águia?

—Aye.

Sua respiração tremulou e ela esperou por ele dizer mais.

—Como eu poderia não amá-la, Una?

—Mas você não me conhece.

—Eu te conheço de um modo que nenhum outro jamais poderá — ele argumentou.

Ela agitou a cabeça.

—Eu matei por você — ele declarou.

Seu corpo ficou rígido com choque.

—O que?

—Seu pai me disse que você perguntou onde eu fui. Ele disse que eu estava caçando.

O sentido de suas palavras não passou despercebido para ela, mas era apenas secundário naquele momento.

—Você falou com meu pai primeiro?

—É o correto. E ele precisava saber que estava feito.

—O que? O que está feito?

—Os homens que machucaram você. Eles estão mortos.

CAPÍTULO DEZ

—Como? — ela não duvidava das proezas de seu lobo na caçada, mas como Bryant tinha achado os homens que ela não via há cinco anos?

—Lais me ajudou. Baseado em suas descrições e no que ele sabia do membros de seu antigo clã, ele pôde adivinhar a identidade da pessoa que fez isto. — Bryant correu seu polegar sobre a cicatriz em um de seus pulsos.

—Ele era Donegal então?

—Aye. Lais não participou da matança, mas ele nos ajudou a localizar seus torturadores.

—Mas por quê?

—Justiça.

—E a clemência?

—Você não foi sua única vítima.

—Como você sabe?

—Eles confessaram... vangloriaram-se na verdade.

—E por isto, eles tinham que morrer?

—Aye.

Ela tentou sentir choque, ou desânimo, mas tudo ela sentiu foi um alívio profundo.

—Fico contente.

—Aye, porque eles não quebraram seu espírito.

—Meu pai acha que sim.

—Ele sabe melhor agora.

—Porque você disse a ele?

—Sim.

—É amor assassino então? — ela perguntou, não zombeteira, mas tentando entender.

—Deixe-me mostrar a você o que significa ser acasalado com o parceiro que o destino criou só para você e então você me dirá o que é o amor.

Ela o teria repreendido para sua arrogância, mas não tinha ar para formar palavras. Não com ele tão perto, seu sexo já duro e dando beijos molhados em seu estômago.

Ela era um metamorfo e apesar de ter mais modéstia que os outros, estava acostumada com a nudez para a mudança. Mas esta nudez com ele era diferente.

A fez sentir coisas que seu corpo ainda não havia experimentado, entretanto sua águia disse a ela que eram certas e verdadeiras. Ela queria tocar, ser tocada.

Ela quis juntar-se a ele quando tinha certeza que nunca se juntaria a outro. O pensamento da reação de seu pai ao seu acasalamento com um lobo veio para atormentá-la, mas pela primeira vez em cinco anos o pensamento de desapontá-lo era menos importante que a felicidade chamejando para vida dentro dela.

E ainda assim, ela disse:

—Meu pai...

—Deu-nos sua bênção, mesmo que de má vontade. Se eu machucar você, ele me desmembrará. Foi uma promessa.

Ela acenou com a cabeça, inesperada alegria surgindo nela.

—Minha mãe acredita que nós sejamos companheiros verdadeiros.

—Ela é uma mulher sábia.

—Aye.

—O tempo para conversar acabou. — Suas palavras terminaram forçadas e tensas e a dureza permanecendo em sentinela entre eles deslocando contra sua pele, deixando um rastro de umidade em sua passagem.

Ela correu a ponta do dedo pelo fluido viscoso. Apesar de seus sentidos não serem tão afiados quanto os de um lobo neste caso, o odor dele quase a jogou de joelhos.

Sua águia clamou por ser reivindicada.

Ela trouxe seu dedo para sua boca, saboreando sua essência com uma lambida delicada da língua.

Os olhos de Bryant chamejaram com paixão e um grunhido soou de sua garganta antes dele puxá-la, roubando o sabor salgado de sua língua e substituindo com a doçura que era sua boca. O beijo foi incendiário, além de qualquer coisa que eles haviam compartilhado no reino espiritual.

As sensações em carne e osso eram mais agudas, afiadas com prazer tão grande que ela gemeu contra seus lábios desenfreadamente.

Suas mãos vagavam por seu corpo. Todos os lugares que o lobo perfumou, Bryant agora tocava, fazendo-a sua antes mesmo dele juntar seus corpos em um só.

Lugares que tinha sentido cócegas antes, agora zumbiam com encanto em cada carícia, realçando sua estimulação que até ela podia sentir o odor de seu corpo se preparando para ele.

Uma grande mão deslizou entre suas pernas, dedos masculinos cavando a carne que nunca foi tocada. Mesmo por ela.

O êxtase era tão imenso, que sua força acabou. Ele a segurou sem esforço evidente, o braço musculoso apertado ao redor dela enquanto sua mão tocava sua mais íntima carne de formas secretas e seguramente proibidas.

Parecia muito bom para ser um comportamento adequado.

Entretanto ela era um Éan... decoro significava pouco para seu povo.

Este encanto, porém? Era algo muito surpreendente para ficar sem novamente.

Oh, que o Criador não a deixasse ficar sem isto novamente.

O braço que a segurava em pé se moveu, e de repente a ponta de seus dedos na base de suas bochechas, provocando a carne que ela nunca teria suspeitado ser tão sensível.

Ela afastou sua boca da dele.

—Bryant!

—Aye, moça?

—Você... isso...

—Nada é proibido entre companheiros.

Sua cabeça avançou, sua boca pressionada contra a união de seu pescoço e ombro.

—Companheiros — ela sussurrou antes de mordê-lo de um modo feito para deixar marca.

Seu gemido completamente masculino de apreciação arrepiou-a, fazendo suas coxas apertarem-se.

—Eu pensei que só os lobos mordiam para marcar seus companheiros.

Ela se aninhou em seu pescoço, beijando e lambendo onde ela o havia mordido.

—Eu perfumarei você, também, entretanto talvez não tão completamente quanto você fez.

Sua águia só precisava deste tipo de abraço, cabeça a cabeça, para ficar satisfeita. O Chrechte feminino dentro dela, por outro lado, queria que Bryant tivesse marcas de sua possessão da mesma maneira que ela queria usar as dele.

Ele a deitou nas peles.

—Isto é para sempre, você entende?

Ela olhou para ele em confusão.

—Não é sempre assim?

Ele agitou a cabeça.

—Mas isso não importa, porque este é.

—Sim.

Ele rosnou e então a devorou, sua boca seguindo a trilha que seus dedos tinham percorrido mais cedo.

Quando ele levou um de seus mamilos na boca, ela arqueou-se, sentindo que aquilo era certo em seu coração. Ele continuou a acariciar seu corpo para um pico de prazer cada vez mais alto.

Ela quis retornar o favor, entretanto ela não tinha nenhuma experiência com o corpo de um homem.

Ele não pareceu se importar, gemendo e rosnando com cada exploração de seus dedos. Ela delineou as linhas de seus músculos abaixo do tórax, ao longo da tora de árvore que ele chamava de pernas e então para aquela quente e pulsante ereção entre eles.

Ela pulsou na sua mão, seus dedos incapazes de fecharem-se em sua circunferência.

Ela não perguntou se ele encaixaria naquele lugar dentro dela. Não existia nenhuma opção. Ele tinha que caber, porque ela precisava tê-lo dentro dela.

Ela espalhou as pernas em convite e sua cabeça se levantou como um lobo sentindo o cheiro no vento.

—Você me quer.

Ele precisava de palavras?

—Sim. Reivindique-me.

A quietude pairou sobre eles, o momento profundo, onde só um segundo antes havia sido tudo ardente paixão.

Ele se reposicionou até sua carne inchada apertar contra sua abertura não experimentada.

—Você me aceita em seu corpo? — ele perguntou em Chrechte antigo.

—Sim — ela respondeu igualmente.

—Você me aceita em sua vida?

—Sim.

—Sua águia me aceita como seu companheiro?

—Si... — Una teve que segurar as lágrimas inexplicáveis e completamente inesperadas. —

Sim.

—Você aceitará minha proteção, meu cuidado e minha honra Chrechte como seus?

—Eu irei.

Ele ficou em silêncio.

Ela o olhou fixamente pela luz de vela, acalmando-se com várias inspirações antes de perguntar:

—Você aceita meu corpo como seu único refúgio?

—Eu aceito. Eu nunca estarei com outra.

Apesar de companheiros verdadeiros não serem fisicamente capazes de fazer isso, o tom dele disse que sua promessa era mais profunda que mera habilidade física.

—Você me aceita em sua vida?

—Agora e sempre. — Ele prometeu em sua língua antiga.

—Seu lobo me aceita como sua companheira?

—Oh, sim.

Ela sorriu em sua veemência e então perguntou o voto final:

—Você aceitará meu cuidado e suporte, o amor que meu coração terá só para você?

Não era necessariamente uma promessa nas cerimônias Chrechte atuais, mas sim na forma antiga, e esta noite estavam na casa da copa da árvore de Una.

—Sempre.

Anya Gra abençoaria seu acasalando mais tarde, falando as palavras antigas sobre eles em bênção, e eles receberiam suas marcas de acasalamento, tatuagens de tinta azul que mostraria a qualquer que olhasse que ela e Bryant eram acasalados por toda vida. O príncipe os proclamaria marido e mulher perante toda a tribo, mas estes votos falados hoje à noite eram irrevogáveis.

Ninguém podia desfazê-los ou negar sua validade, apesar de ninguém exceto o Criador o haver testemunhado.

Nenhum dos dois falou ou se moveu por vários segundos e então ele a trespassou, a dor imediata e aguda. Ela gritou em choque, mas ele parou de se mover antes de ela fazer qualquer som, permanecendo parado enquanto seu corpo se ajustava ao intruso.

Milagrosamente, a dor não trouxe de volta nenhuma memória ruim e logo estava se transformando em um prazer tão intenso que o mundo fora do acoplamento de seus corpos não mais existia.

Ela moveu seus quadris, enviando prazer eletrizante por ela. Ele reagiu com uma maldição em sua língua antiga e ela achou motivo para sorrir mesmo com ela se movendo novamente.

O lobo não podia suportar que ela estivesse no controle por mais tempo e em um momento ele estava dirigindo seus movimentos, seu corpo empurrando sua grande ereção para dentro e para fora do seu corpo.

Cada pequeno movimento, para frente e para trás, vinham milhões de centelhas de prazer ao longo de seu corpo. Logo ela ficou desatenta com o êxtase da reivindicação dele, seu corpo movendo-se por sua própria vontade de maneira a aumentar o já opressivo prazer.

—Você é minha. — Ele grunhiu enquanto se aprofundava nela, apertando algo por dentro que estava além de prazer e não o bastante para ser dor.

—Você é meu.

— Aye.

—Eu sou sua — ela concordou então.

Seu sorriso era selvagem.

E então ele rodou seus quadris na próxima punhalada e ela sentiu o turbilhão espiralado em seu interior fora de controle. Ela gritou enquanto seu corpo explodia com um prazer muito grande para aguentar em silêncio.

—Eu dou a você minha criança. — Ele prometeu enquanto seu corpo ficava rígido e então

ele gritou seu nome e derramou sua semente dentro dela.

—Você acredita que nós fizemos uma criança? — ela perguntou admirada, mas em dúvida. Mesmo companheiros sagrados não conseguiam uma criança tão depressa, não é?

—Eu sei que eu fiz.

CAPÍTULO ONZE

E de repente, eles não estavam mais em seu quarto nas árvores, mas deitados juntos, unidos como um ao lado do riacho borbulhante na terra dos espíritos Chrechte.

—Nós não estamos adormecidos — Bryant disse com reverência.

—Nós nunca estivemos sonhando.

—Você gosta de estar certa.

—Talvez.

Ele sorriu para ela, sua dureza dentro dela não diminuindo como uma vez sua mãe falou que ela deveria esperar.

—Bryant?

—Eu reivindicarei você novamente, aqui no lugar que deu você para mim.

Ela não podia fazer nada mais que acenar.

E eles fizeram amor novamente. Era amor, também... como ele havia prometido. Ele mostrou a ela emoções que desafiavam razão, tempo e circunstância.

Desta vez ela falou suas palavras de amor quando chegou ao ápice do prazer.

—As batidas do meu coração são para você agora.

Sua expressão continha tamanha riqueza de emoções que trouxe lágrimas curativas para seus olhos.

—Eu amo você este dia e para sempre, minha águia. Minha companheira sagrada.

—Você acreditou.

—E agora você também.

Ela concordou, a garganta muito sufocada para dizer mais palavras.

—Você será uma ponte entre as raças. — As palavras ditas pela *celi di* que Una havia encontrado na primeira vez que ela veio para o plano espiritual passaram por eles com tanto poder que fizeram o prazer de Una aumentar novamente.

—Suas crianças abençoarão esta geração e as que estão por vir. — A *celi di* continuou a entoar.

E então ela se foi.

—Aquela era... — por uma vez, o guerreiro Faol de Una parecia sem palavras.

—Surpreendentemente certo. — Ter uma *celi di* fazendo uma bênção e uma profecia assim sobre eles enquanto eles consumavam seu acasalamento sagrado era... a maneira antiga das coisas.

E realmente bonito.

O reino espiritual dissolveu-se ao redor deles e eles estavam de volta em seu quarto, seu companheiro ainda dentro dela.

Ele começou a se mover novamente e ela fez um som, não um protesto, mas talvez simples choque.

—Nós temos uma noite inteira de união para esperar ansiosamente. — Ele disse como se lesse sua expressão.

—Mas...

—Nós somos companheiros sagrados.

—E isso faz tudo perfeito? — ela perguntou, mesmo enquanto seu corpo aceitou o dele

sofregamente.

—Nós fazemos isto perfeito, ou tão próximo quanto pudermos. É por nossa conta, sua águia, meu lobo, nossa humanidade para fazer deste acasalando tudo o que a *celi di* disse que seria.

—Eu não quero deixar a floresta.

—Então eu viverei aqui com você.

—Eu irei conhecer sua família. — Ela ofereceu, e mesmo enquanto as palavras deixavam sua boca, ela sabia que chegaria um dia que ela deixaria de boa vontade sua casa na floresta para trás.

Não hoje... mas o dia estava chegando.

O sorriso de Bryant era ofuscante, mais brilhante que mil velas acesas em um quarto único.

—Minha mãe vai amar você.

—Enquanto seu filho o fizer, eu me contentarei.

—Com todo meu coração.

—É um milagre.

—Você não sabe, Una? A vida é um milagre.

E pela primeira vez em cinco anos, ela acreditou nisto.

Sua concordância ficou perdida no seu beijo.

Fim

GLOSSÁRIO DE TERMOS

-  **Bairn:** Bebê
-  **Beguines:** Convento autossuficiente sem votos com a igreja, não sustentado pela igreja oficial como relatado a Roma (termo historicamente correto, nas Ilhas Britânicas).
-  **Ben:** Colina
-  **Ben Bristecrann:** Colina da árvore quebrada (um lugar sagrado para a família de Ciara)
-  **Brae:** ladeira ou declive
-  **Cahir:** Guerreiros que lutam o Fearghall
-  **Celi di:** Padre escocês da Highland que pratica o Catolicismo sem laços oficiais com a igreja em Roma (termo historicamente correto em relação à Escócia e a Irlanda)
-  **Chrechte:** Troca-forma que compartilham suas almas com lobos, pássaros ou gatos predadores.
-  **Clach Gealach Gra:** (pedra do coração da lua) a pedra sagrada dos homens pássaro
-  **Conriocht:** Lobisomens (protetores dos Faol, transformam-se em um tipo de criatura gigante meio-lobo/meio-homem)
-  **Éan:** Homens pássaro (corvos, águias e falcões).
-  **Faol:** Homens lobo
-  **Faolán:** Pequeno lobo (Termo gaélico carinhoso)
-  **Faolchú Chridhe:** (coração do lobo) a pedra sagrada dos homens lobo
-  **Fearghall:** Sociedade secreta de lobos decididos a destruir/subjugar outras raças Chrechte
-  **Mulher lobo:** Troca-forma que toma a aparência de loba
-  **Guardião da pedra:** Um Chrechte que tem um vínculo especial com a pedra sagrada e pode utilizar seu potencial completo para curar, dotar e dar à luz aos protetores das raças (conriocht, dragão e grifo).
-  **Kelle:** Guerreira sacerdotisa (mencionada na mitologia céltica)
-  **Kyle Kirksonas:** Rio da Igreja da Cura
-  **Loch:** Lago
-  **Companheiro:** O parceiro escolhido dos Chrechte (se for um acasalamento misto — Chrechte de raças diferentes, ou companheiro humano — os filhos só podem resultar se o laço é um verdadeiro/sagrado).
-  **Vínculo de companheiros:** A especial ligação mental entre companheiros verdadeiros / sagrados.
-  **Comunicação mental:** Comunicação via um vínculo mental
-  **Mo gra:** Meu amor
-  **Paindeal:** Homens gato (grandes gatos predadores)
-  **Paindeal Neart:** (força da pantera) a pedra sagrada dos homens pantera
-  **Vínculo sagrado (vínculo verdadeiro):** Um vínculo de acasalamento que dura até a morte e não permitirá fisicamente aos Chrechte envolvidos, ter relações com ninguém além do companheiro Chrechte.
-  **Usquebagh:** “Água da vida” (Uísque escocês)